

T

Sala A
Est. 13
Tab. 1
N.º 8

PORTUGAL

História da medicina portuguesa

POR

SILVA CARVALHO



EXPOSIÇÃO PORTUGUESA EM SEVILHA

2

As eminente professor Dr. Henrique de Sáenz

of

Madrid

INV.- N 2646

HISTÓRIA DA MEDICINA
PORTUGUESA

PORTUGAL

História da medicina portuguesa

POR

SILVA CARVALHO



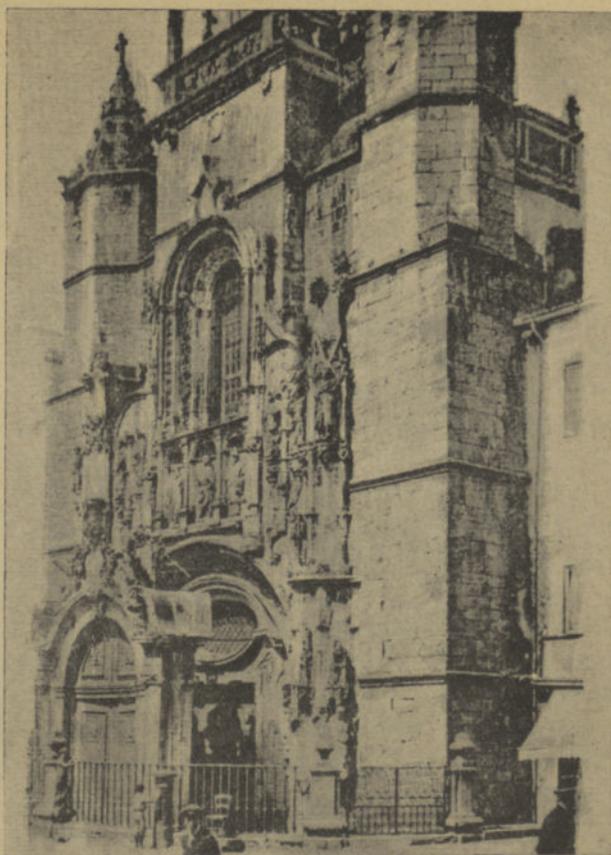
EDITO E DISTRIBUE
ROMÃO DE CARVALHO

RC
MACI
61
GAR

EXPOSIÇÃO PORTUGUESA EM SEVILHA

IMPRESA NACIONAL DE LISBOA

M · CM · XXIX



SANTA CRUZ DE COIMBRA

PRIMEIRO PERÍODO

(1130—1500)

NOS PRIMEIROS TEMPOS EM PORTUGAL, COMO NOS outros países da parte central e ocidental da Europa, a Medicina estudava-se nos conventos, sendo considerada, naqueles em que a instrução estava mais desenvolvida, uma disciplina como a Lógica, a Filosofia e a Teologia. Nos mosteiros se escreviam muitos livros médicos, originais uns, outros traduzidos, que, ou como enciclopédias, pretendessem resumir a ciência do seu tempo, ou fôsem apenas comentários dos principais autores da ciência clássica, tinham valor real, que ainda hoje se reconhece nos que foram salvos da destruição e que principalmente são estimados por conterem informações farmacológicas, em que as ciências

naturais aplicadas à medicina (os primeiros hortos botânicos organizaram-se nas cêrcas conventuais) e a matéria médica são tratadas com amor e interesse. Iam-se buscar aos conventos os religiosos mais peritos na arte de curar para acudir aos príncipes e senhores, e tanto os monges como os clérigos seculares que se dedicavam à medicina colhiam dessa clientela recompensas valiosas e mercês, como a de serem nomeados físicos-mores do reino, além das prebendas eclesiásticas, pois muitos foram pagos dos seus serviços em canonicatos, priorados e bispados. Ao mesmo tempo os religiosos obtinham neste trato concessões e dádivas em benefício dos seus conventos ou das ordens a que pertenciam. À porta das igrejas ou em alpendres que havia junto delas e na portaria dos mosteiros distribuía-se remédios e faziam-se curativos aos pobres e peregrinos que ali acudiam. Marca uma época importante nestes tempos a criação das enfermarias conventuais, onde muitas vezes eram recebidos leigos de distinção que vinham buscar remédio aos seus males.

Distinguiram-se em toda a parte os beneditinos neste ensino e prática da medicina e em Portugal, onde existiam desde o início da monarquia, muito provavelmente tivemos nos bentos do mosteiro de Lorvão os primeiros representantes da Medicina monástica. De resto a continua vinda de religiosos dos conventos de Espanha, de França e de Itália para os nossos mosteiros naturalmente nos habilitaria com os que daqueles países vinham habilitados na arte de curar, podendo fazer escola. No reinado de D. Sancho os cônegos regrantes de Santo Agostinho no seu mosteiro de Santa Cruz, onde tinham instalado o ensino das sciências, resolviam mandar a Paris alguns dos seus para estudar Medicina e virem depois ensinar ali, parecendo que foi *D. Mendo Dias*, sobrinho de D. Gonçalo, prior do mosteiro, o primeiro que em Coimbra começou este ensino, que se foi desenvolvendo, sendo já no último quartel do século XIII muito freqüentado.

As ricas bibliotecas dos conventos continham então, entre as suas preciosidades, os resumos e comentários de Aristóteles, os escritos da Escola de Salerno e de Constantino (o Africano) e as traduções latinas que Afonso VI, de Castela, depois da conquista de Toledo em 1085, encomendara aos sábios que de toda a parte convocara para ali, principalmente para tornar conhecida a sciência árabe e galénica e muito especialmente o célebre *Canon* de Avicena.

Nesse tempo os clínicos leigos recrutavam-se entre nós principalmente nos individuos das duas nações, judeus e mouros, os primeiros espalhados por todo o País, principalmente à beira-mar e nos grandes centros e estradas comerciais, os segundos abundando sobretudo nas aglomerações urbanas do centro e sul do País.

Os judeus, tendo em seu favor as suas qualidades étnicas mais notáveis, ambiciosos, inteligentes, eruditos, porque muitos, além de conhecerem muito

bem o latim, liam, além dos textos hebraicos, os gregos e os árabes, tenazes no esforço e desejando pelo seu mérito próprio elevarem-se na situação social e evadirem-se da condição em que os tinha a legislação de excepção que deviam à sua religião, com a extraordinária facilidade de se expatriarem e ir fora aprender na prática com os clínicos afamados, não podiam deixar de sobressair na concorrência de todos os dias, afirmando-se como bons clínicos.

A invasão sarracena pelo sul da Europa, norte de África e especialmente na Andaluzia determinou nesta parte da península uma idade de ouro, que perdurou até o princípio do século XIII e em que a medicina, assim como outras sciências, tomaram um desenvolvimento notável, não só por nos dar a conhecer os tesouros da Medicina grega, mas pelo intenso movimento de obras originaes não só desta sciência, mas também da Geografia, Matemática, Astronomia, Física, Química e Botânica, que muito devem ter concorrido para a illustração geral dos médicos.

Havia nos principais centros como Córdova, Granada, Sevilha, etc., por êsse tempo, grande tolerância que permitia que os israelitas vivessem em condições de igualdade com os sarracenos, de maneira que é muito de supor que a Córdova fôsem judeus portugueses estudar medicina.

A decadência manifesta em que caiu a sciência árabe no século XIII, ao mesmo tempo que se perdia para os invasores a importância politica no centro e sul do nosso País pelas conquistas dos cristãos, deve explicar porque os mouros, que durante muito tempo ainda com certa tolerância ficaram vivendo em Portugal e aí exercendo clinica principalmente nas classes pobres, não se tornaram conhecidos e apenas figuram naquele tempo como pobres curandeiros, donde só excepcionalmente e de maneira fugaz saíu algum pratico mais afamado, que chegou aos paços reais.

Mas o ensino ia passar dos conventos para os Estudos Gerais, os colégios e as Universidades, onde ao principio a separação dos costumes religiosos se não fez tam eficazmente que não se conservasse a qualidade eclesiástica para os professores, as cerimónias religiosas nos actos solenes e até persistisse nalgumas Universidades a mesma distribuição das disciplinas que caracterizavam o ensino monástico.

As Universidades existentes no século XII, Paris, Bolonha e Montpellier, vêm juntar-se no seguinte muitas outras, entre as quais destacamos Pádua, Nápoles, Salamanca, Siena, Sevilha e por último Lisboa. Tanto nas Universidades francesas, como nas espanholas e italianas, fundadas nesta época e nos dois séculos seguintes, desde os seus primeiros tempos encontram-se portugueses estudando a medicina, dos quais uns regressavam à pátria, outros por lá ficavam illustrando o nome português pelas suas obras, pelo ensino de que muitas vezes foram encarregados e pelo exercício da clinica em que foram peritos.

Quando em 1288 foi confirmada pelo Papa a criação da Universidade de Lisboa, havia nesta apenas uma cadeira, que em 1493 foi desdobrada, e, ao passo que primitivamente a duração do curso era indeterminada, depois do reinado de D. João I este devia ser de quatro anos. Primitivamente a certidão ou carta de aprovação dava só por si o direito de exercer a clínica, mas depois exigia-se que os habilitados pela Universidade fôsem submetidos a um exame teórico e prático muito sumário perante o fisico-mor do reino, cargo que cabia a um dos médicos da câmara real, a quem competia por si ou por seus delegados a fiscalização nominal do exercício da medicina e da farmácia, a fixação do preço dos remédios e a habilitação dos profissionais nacionais e estrangeiros. Quando posteriormente foi criado o cargo de cirurgião-mor, que não cabia a nenhum cirurgião, mas sim a outro fisico do paço, para este ficou reservada a habilitação e jurisdição sôbre os cirurgiões, que eram práticos sem a menor ilustração, que, acompanhando outros como ajudantes durante alguns anos, adquiriam os mais elementares conhecimentos da arte, e pelos barbeiros e sangradores, recrutados muitas vezes entre os criados dos médicos e os enfermeiros. Sem instrução alguma, repetiam o que tinham visto fazer aos clínicos dêsse tempo e, sem sciência nem consciência, utilizavam às cegas meia dúzia de receitas que muitas vezes colhiam na tradição popular.

Não só eram em geral incapazes de tratar de fracturas e luxações, mas negavam-se a praticar as operações de maior vulto. Este facto e o de os médicos julgarem indigno da sua gerarquia occuparem-se de trabalhos de mãos, que só eram próprios de artífices ou de gente de baixa condição, tinha como resultado terem grande aceitação homens e mulheres ignorantes que se improvisavam especialistas de endireitar membros desmanchados ou quebrados, de aplicar unturas, clisteres, ventosas, tratar de chagas, doenças de pele, de olhos, de hérnias, doenças das bôlsas, corrimentos e gálico. Estes curiosos, depois de praticarem livremente muitos anos, recolhendo apenas uns atestados dos que tinham tratado com proveito, requeriam ao fisico-mor do reino, e mais tarde a este ou ao cirurgião-mor, um exame em que sem dificuldade eram aprovados, concedendo-se-lhes licença para exercerem a clínica, limitada a determinadas doenças.

Maior aceitação ainda tinham os cirurgiões ambulantes, outros curiosos de maior envergadura, que percorriam grande parte da Europa, arrancando dentes e operando doentes de hérnias, de cálculos vesicais e de enfermidades de olhos, especialmente de cataratas. De mochila ao ombro e apoiados a um bordão percorriam grandes distâncias, oferecendo os seus serviços nos castelos, nas feiras e nas aglomerações urbanas. Armavam barraca em qualquer lugar público e ali operavam, recebendo logo a paga do seu trabalho e abandonando os operados à sua sorte. Alguns dêstes aventureiros, quando viam

probabilidades de poder demorar-se nas cidades, requeriam exame de habilitação e respectiva carta ou licença, o que facilmente lhes era concedido.

O que dominava então no exercício da medicina eram, além das tradições hipocráticas, as doutrinas galénicas e arábicas, não se tendo aproveitado destas o que dizia respeito à cirurgia. A influência dos astros na saúde das pessoas e na evolução das suas doenças, a manifestação destas pelas alterações dos excreta e sobretudo das urinas, isto é, a Astrologia e a Uroscopia, eram elementos que principalmente influíam no diagnóstico e no prognóstico, que se completavam pela inspecção dos tegumentos e da língua, pelo pulso, pela avaliação da temperatura feita pela palpação, facilidade com que se secavam os apósitos, etc. A terapêutica reconhecia virtudes sobrenaturais a produtos do reino animal, onde tinham lugar primacial as concreções, cálculos e ossos, que ao lado dos cristais formavam o grupo das pedras, que gozavam de fama universal e atingiam preço elevadíssimo, que só lhes permitiam figurar na farmacopeia dos ricos.

Os vestígios das antigas crenças, atribuindo às doenças origem demoníaca, justificavam as múltiplas superstições de natureza religiosa, que se tinham como soberanamente eficazes.

A patogenia baseava-se na doutrina dos humores, que pelo seu predomínio determinavam os temperamentos, constituindo a predisposição para as doenças, e pelo exagêro desse desequilíbrio as próprias doenças em cuja evolução, além da influência dos astros, dominava a luta da natureza contra a matéria pecante, luta vitoriosa quando, pela cocção primeiro e pela eliminação pelas crises depois, se fazia a anulação e eliminação da causa mórbida. Importava portanto nos casos urgentes tentar eliminar a parte pecante, fazendo correr sangue, e nos outros casos esperar a conjunção favorável dos astros, e os dias propícios, ajudar a cocção dos humores, facilitar os fenómenos críticos, como vômitos, purgação, diurese e transpiração, o que se conseguia por meio de remédios de origem vegetal e animal, banhos e outros meios.

As águas minerais, que tinham por si o mistério da sua formação e a crença de serem remédios de origem divina, tinham grande crédito, sobretudo contra as doenças crónicas, em que os meios habituais do tratamento se mostravam ineficazes. No nosso País havia vestígios de águas exploradas nos tempos proto-históricos (Vizela) e outras mais frequentes de construções romanas (Lafões ou S. Pedro do Sul, Caldas da Rainha, etc.). Algumas destas nascentes foram utilizadas nos primeiros séculos da nossa nacionalidade, merecendo a protecção dos reis e senhores desse tempo, que mandavam aparelhar os tanques e construir perto abrigos destinados a agasalhar os doentes que acorriam a fazer uso das águas.

Eram as albergarias que, ao principio junto às igrejas ou como anexo dos conventos, tinham as suas portas abertas e ofereciam cama, luz, água,

sal e muitas vezes alimento por um ou dois dias aos mendigos, enfermos e peregrinos que iam de jornada. Algumas destas pousadas eram fundadas por pessoas piedosas em sua vida ou pelo seu testamento em que lhes consignavam rendas especiais. Chamavam-se também hospitais, embora na maior parte não comportassem nenhum tratamento aos doentes que abrigavam temporariamente. Mas nas albergarias que dependiam dos conventos era freqüente que ao auxilio prestado pelos frades aos necessitados se juntasse muitas vezes a administração de remédios internos e sobretudo o curativo de chagas e outras enfermidades externas.

A maior parte dos hospitais de cuja criação e sustentação rezavam os testamentos eram albergarias, outros simples asilos para recolher homens e mulheres de bons costumes e sem meios de vida, mas alguns havia em regra com um número de camas inferior a uma dúzia, em que se pretendia recolher permanentemente doentes a cargo de um enfermeiro ou enfermeira e com assistência médica muito precária.

Fora destes alguns hospitais de maior valia se instituíram em cidades e vilas até o fim do século xv, mas a sua capacidade e rendimentos não lhe permitiam organização apreciável de assistência.

No século xv começaram a estabelecer-se as farmácias fora dos conventos e a 26 de Agosto de 1497 acordava-se no primeiro regimento para estes estabelecimentos.

As parteiras, instruídas apenas com a prática junto de outras mais antigas, exerciam livremente a sua profissão, sendo apenas em caso de morte próxima da parturiente que se recorria ao auxilio sempre inútil do cirurgião.

Nas fontes principais da nossa legislação se encontra a origem das práticas que, fixadas ou não nos *Foros e Costumes*, constituíram o início da medicina legal entre nós.

Nos primeiros tempos da nossa nacionalidade as provas dos crimes contra a saúde faziam-se pelo juramento, pelas declarações dos queixosos e exibição da parte molestada, pelo juizo de Deus principalmente manifestado pela resistência do acusado ao calor e pelo sangrar das feridas na sua presença. Depois foram chamados os homens bons e os cirurgiões ou barbeiros para atestarem dos ferimentos e da sua importância e as mulheres boas e comadres para informar sôbre as mulheres forçadas, mas muitas vezes o parecer duns e doutras não tinha mais força probatória que o testemunho dum leigo.

A hygiene individual era muito sumária e limitava-se a pouco mais da parte referida à dietética, estabelecendo-se princípios sôbre a temperança, a maneira de escolher boa água para beber, o exercício, os banhos, o sono, a influência das paixões no estado de saúde e a maneira de fugir às epidemias. Era freqüente os reis e senhores encomendarem aos médicos famosos

um tratado de higiene para seu uso. É possível que esta fôsse a origem do *Leal Conselheiro* que o rei D. Duarte deixou e em que reuniu doutrina vária e diferentes preceitos não só de higiene, mas de moral.

Houve também hospitais provisórios instituídos por ocasião das grandes epidemias.

O que abundava, espalhadas por todo o País, mais em maior número no norte e no centro, eram as gafarias, hospitais especiais para tratar e sobretudo para isolar os atacados da lepra, doença que, como outras pestilências, as cruzadas tinham trazido do oriente. Aqui se concentravam os desgraçados a que os costumes, as leis e a repulsa dos sãos impossibilitavam a vida nos povoados. Os hospitais em geral estavam sob a jurisdição e fiscalização das autoridades eclesiásticas (cabidos, bispos, etc.).

Das epidemias que grassaram nestes tempos pouco se pode dizer quanto à sua natureza e em geral quanto à sua origem. Registam-se epidemias em 1188-92, 1202, 1310, 1333, 1348 (a peste negra), 1356, 1371, 1384, 1386, 1394, 1414-15, 1423-24, 1432, 1435, 1437-38, 1448, 1458, 1464-69, 1477-90 e 1492-96. Algumas destas epidemias foram de tifo exantemático, muitas foram devidas à peste bubónica, outras ao chamado fogo sagrado ou de Santo Antão, nome em que se englobavam doenças muito diferentes, como o ergotismo, dermites parasitárias ou tóxicas, erisípeles, etc. No século xv tivemos também muitas perdas de vidas devido ao escorbuto que, nas longas viagens que então empreendíamos para a costa da África, dizimava as tripulações.

As providências que então se usavam consistiam principalmente em isolar as localidades atacadas do resto do País, proibindo e dificultando por todas as formas a comunicação de pessoas e objectos, principalmente de alimentos. Nos locais infestados isolavam-se as casas contaminadas e muitas vezes tentavam-se reunir todos os doentes, principalmente os das classes menos abastadas, em casas especialmente alugadas para êsse fim, para serem utilizadas como hospitais, designados por casas da saúde, donde os médicos, cirurgiões, enfermeiros e mais pessoal não podiam sair senão acabada a pestilência, pelo que nas suas cartas de nomeação se lhes garantiam mercês vitalicias e outras remunerações. Além disto procedia-se à limpeza sumária nos lugares públicos e, como meios de desinfecção, recorria-se aos fumos e às substâncias de cheiro acre, à exposição ao sol e à lavagem, e o que assim parecia não poder ser beneficiado, queimava-se.

Devem lembrar-se neste período os nomes seguintes:

S. FR. GIL DE SANTARÉM, natural de Vouzela, que, depois de estudar medicina no mosteiro de Santa Cruz, foi mandado a Paris por D. Sancho I aperfeiçoar-se nessa sciência.

PEDRO JULIÃO, mais conhecido por PEDRO HISPANO, natural de Lisboa, que estudou medicina e filosofia em Montpellier, onde se diz que também ensinou, e regressando ao reino tomou ordens sacras, exercendo várias dignidades eclesiásticas. Chamado ao concílio de 1272 foi feito cardeal e em 1276 subiu ao sólio pontifício com o nome de João XXI, falecendo no ano seguinte. Deixou umas *Summulas* (1462) que durante muitos anos serviram no ensino da filosofia em muitas Universidades; deixou o *Thesaurus pauperum* (1476), livro de terapêutica em que se resumem parte das prescrições galénicas e árabes, que traduzido em muitas línguas constituiu durante a Idade Média o formulário a que os práticos recorriam com mais frequência. Entre muitos manuscritos deixou um *De oculis*, considerado um dos primeiros escritos sôbre doenças de olhos.

ROLANDO, natural de Lisboa, que estudou em Montpellier e foi médico de João de França, duque de Bearn, terceiro filho de João II; viveu na segunda metade do século XIV e primeiro quartel do seguinte e deixou um precioso manuscrito *De Physionomia*, além de outros que se perderam.

VALESCO DE TARANTA, contemporâneo e colega do precedente em Montpellier, onde depois de aluno foi professor, foi médico de Carlos VI de França, considerado um dos médicos mais ilustres do seu tempo e que deixou o *Philonium pharmaceuticum et chirurgicum* e o *Tractatus de epidimia et peste*, que se supõe ter sido impresso em 1470, constituindo um dos mais antigos incunábulos que se conhece.

MESTRE RODRIGO e MESTRE JOSÉ, médicos judeus, que faziam parte da célebre Junta dos Matemáticos, que tanta importância teve na organização das nossas descobertas, e que podem ser considerados os tipos dos médicos eruditos do seu tempo.

Dominou nesta época em Portugal a *Escola Árabe*.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SEGUNDO PERÍODO

(1501 — 1625)

O FIM DO SÉCULO XV E O PRINCÍPIO DO SEGUINTE foram caracterizados pela criação de três estabelecimentos de assistência, que representam um adiantamento extraordinário sobre o que havia em toda a Europa e não só constituem um título de glória imorredoura para os seus fundadores, mas também demonstraram, pela sua duração e pela sua multiplicação, a excelência do seu alcance social; trata-se da instituição da primeira Misericórdia (1498), da criação do Hospital das Caldas (1495) e da concentração de quasi todos os hospitais de Lisboa (1479) determinando a fundação do Hospital de Todos-os-Santos.

Além da caridade dos conventos e das casas senhoriais, as esmolas que nos testamentos dos reis e dos burgueses se instituíam e as albergarias e pequenos hospitais ligados à fundação das capelas, nada havia que servisse as múltiplas necessidades da assistência, que freqüentemente eram extraordinariamente avultadas pelas fomes, pestes e guerras, flagelos que atrás de si deixavam a população dizimada no meio dum montão de ruínas.

A instituição das Misericórdias, juntando na mesma piedosa cruzada e em pé de igualdade nobres e plebeus, e tendo em mira valer às crianças enjeitadas, aos velhos e inválidos e até aos criminosos, representou uma concepção admirável, em que frei Miguel de Contreras, sustentado e compreendido

pela rainha D. Leonor, consubstanciou a maior previsão dos males sociais que havia a combater. A extensão no tempo e no espaço que tam abençoada emprêsa teve constitui um monumento em seu eterno louvor.

Além disso a rainha, e desta vez só por sua iniciativa e direcção, criando o Hospital das Caldas, fundou um estabelecimento de beneficência com tal grandeza e intelligência que excedia em muito tudo quanto existia de semelhante e o seu célebre *Compromisso*, em cuja redacção teve a maior e melhor parte, é um documento de bom senso, previsão, método e ordem, que só por si vale à sua memória perdurável louvor e gratidão.

O Hospital de Todos-os-Santos era o primeiro estabelecimento constituído com todas as condições materiais e financeiras para valer à cidade, e, além dos serviços que prestou debaixo do ponto de vista da assistência aos recém-nascidos e aos doentes, teve uma altíssima importância na evolução da medicina em Portugal, porque constituiu a escola prática que a todo o País deu clínicos que não podiam habilitar-se noutra parte, falta que neste tempo era suprida pela ida dos portugueses ao mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe, em Espanha, onde os frades, apesar das proibições que no século XIII tinham afastado os religiosos do exercício da cirurgia, mantinham nas suas enfermarias conventuais o ensino prático, onde se criaram muitos clínicos famosos. Mas o ingresso nessa escola não era aos portugueses sempre fácil e por isso foi pequeno o número dos que ali encontraram a preparação que a Universidade, apesar dos melhoramentos que sofrera, lhe não podia dar.

Realizada a transferência da Universidade para Coimbra em 1537, à única cadeira de medicina existente, a de Prima, vieram rapidamente juntar-se uma de Véspera, a de Avicena, a catedrilha de Galeno, outra de Aristóteles e finalmente as cadeiras de anatomia e de cirurgia.

Aos mais eminentes médicos dêsse tempo, habilitados todos nas Universidades estrangeiras, como Tomás Rodrigues da Veiga, António Luís, Luís Nunes, vieram juntar-se mestres espanhóis, como Rodrigo Reynoso e Afonso Rodrigues de Guevara. D. João III, a quem muito se deve neste ponto, organizando o estatuto universitário, inspirado por Salamanca, tornando obrigatória a língua latina nos estudos, dificultando a invasão dos médicos estrangeiros e sobretudo mostrando grande empenho em chamar para Coimbra os mestres que nos outros países tinham dado provas excelentes do seu saber, merece um lugar de destaque na História da Medicina Portuguesa.

O ensino ficou então constituído pela exposição e comentários das doutrinas de Hipócrates, de Galeno e pelas obras de Avicena, além da anatomia teórica.

A opor-se ao natural desenvolvimento e proveito de tal organização houve principalmente a mínima persistência no ensino dos melhores mestres que por ali passaram, ou fôsem nacionais ou estrangeiros.

Desde que a primeira ambição dos professores de Coimbra era serem transferidos para a Côrte, a ocuparem os cargos de fisico, cirurgião-mor ou de médicos da real câmara, ou a exercerem a clínica rendosa que Coimbra não podia dar-lhes, o ensino tinha fatalmente de ressentir-se. Outro teria sido o destino do ensino médico, se a Universidade continuasse em Lisboa.

Os elementos de progresso e importância política em todos os países influíram poderosamente na evolução da Medicina. Assim as descobertas e conquistas e as maravilhosas viagens que as prepararam não podiam deixar de contribuir eficazmente para um período brilhante desta sciência em Portugal. A cultura alargara-se extraordinariamente, o nascente amor pelas sciências naturais que a descoberta do caminho marítimo para a Índia determinara, a riqueza e actividade exuberante que estes factos tinham produzido no continente, a revivescência do helenismo e a queda das doutrinas de Aristóteles perante o favor que as de Platão tinham conquistado entre os homens de sciência, favorecendo a renovação da Magia, da Astrologia e da Alquimia, a invenção da imprensa permitindo a difusão dos conhecimentos adquiridos, o Humanismo e toda a outra influéncia que nos veio de Itália foram os principais factores que na península determinaram o raiar duma idade de ouro, que mais tarde veio a empalidecer perante o abatimento nacional pelo desastre de Alcácer-Quibir e antes disso pela expulsão dos judeus, que só por si determinou o êxodo de muitos médicos eruditos e famosos que, em geral, preparados pelas viagens e estudos feitos em Itália, França e Espanha, tinham ao regressar à pátria trazido os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos não só em medicina, como em cirurgia. Se a perseguição aos judeus se não tivesse feito, êsses homens constituíriam os mestres competentes, a quem se teria encarregado a instrução médica, e além disso na sua clínica, conforme era o uso dêsse tempo, fazendo-se acompanhar dos que aspiravam à profissão e não podiam seguir estudos regulares, iriam com a sua lição de todos os dias formando clínicos competentes. Outra consequéncia desastrosa dêste facto foi o abandono da nossa Universidade pela quasi totalidade dos estudantes que podiam ser suspeitos de ter sangue judeu.

Assim dispersaram-se os fugitivos por toda a Europa e por uma parte da África e da América, e dêste desastre só se aproveitou a vantagem de terem ido por toda a parte tornar conhecido o nome e a lingua portuguesa com muita honra para o seu País, ilustrando-o pelo exercício da clínica, pelas obras scientificas e literárias que publicaram e pelo ensino que exerceram com brilho em várias Universidades.

Os dois grandes acontecimentos que de fora vieram nesse tempo dar um impulso enorme às sciências médicas foram as doutrinas de Paracelso, em que avultava uma nova Patologia e o nascer da Química, doutrinas que em Portugal não tiveram a mesma acção immediata que no centro da Europa, e os

trabalhos dos anatómicos, à frente dos quais estava Vesálio, que são celebrados pela publicação da primeira obra sobre Anatomia (1543).

O movimento de interesse pelo estudo desta ciência interessou os nossos clínicos, e no Hospital de Todos-os-Santos o ensino da cirurgia foi uma consequência desse facto, embora só fôsse organizado mais tarde de modo aproveitável, exigindo-se aos que pretendiam a carta de cirurgião a prática, durante dois anos nesse hospital, numa das enfermarias, cujo cirurgião instruíra todos os anos os praticantes que, empregando-se na enfermagem, eram internos que tinham larga observação e prática.

A exercer a farmácia vieram de Itália e doutros países boticários que traziam conhecimentos teóricos e práticos que não se encontravam nos religiosos que nos conventos se encarregavam das boticas, que, além de satisfazer as necessidades destes, serviam também a clientela particular.

Mas é de justiça registar que fora dos conventos havia profissionais, como Tomé Pires e outros, que tinham bastante instrução e contribuíram para o estudo da matéria médica que as descobertas revelavam. As boticas geridas por leigos que eram examinados já abundavam e tiveram o seu primeiro regimento em 1497, ordenado pelo município de Lisboa.

As parteiras e os cirurgiões e os peritos médicos ou cirurgiões continuaram, como na época anterior, no mesmo atraso quanto à instrução e valor profissional.

Os portugueses no século xv e xvi levaram às regiões que descobriram e que começaram a colonizar algumas doenças do continente como a tuberculose e sobretudo a varíola, que principalmente, por efeito da importação de negros de África no Brasil, constituiu por muito tempo um flagelo terrível, que espalhou o terror em todo o litoral e obrigou a fugir os indígenas para o interior, sendo um embaraço, que chegou a parecer insuperável, para se poder estabelecer o nosso domínio. Da mesma maneira fomos os causadores involuntários da introdução e propagação das boubas, da filariose, do maculo ou doença do bicho e doutras enfermidades nos novos continentes.

Tanto na África como na Ásia e na América os conhecimentos de medicina que levavam os missionários na sua bagagem científica, assim como as habilitações de cultura geral e especial dos nossos cirurgiões e médicos, foram um poderoso elemento de domínio, porque davam a essas populações a impressão bem acentuada de que nós tínhamos um poder mágico e significação mística que nos conferiam um carácter de super-homens a quem se devia submissão e respeito. Poderosamente contribuiu isto sobretudo na Índia (houve mais do que um médico, religioso ou leigo, que nas suas arriscadas viagens da Índia para a Europa por terra tirou grande proveito dos seus conhecimentos profissionais) para o nosso domínio e expansão pela China e Japão, países que estavam obstinadamente cerrados à cultura latina. Foram

os conhecimentos dos padres e dos médicos em matemática, sciências naturais e medicina que nos abriram como um talismã aquele mundo novo.

Uns e outros dêstes pioneiros, padres e clínicos, prestaram ainda um relevante serviço à civilização neste tempo, constituindo as primeiras observações e redigindo as primeiras relações sôbre a etnografia, mineralogia, botânica e zoologia das regiões descobertas e conquistadas.

Os bispos continuaram a superintender nas águas minerais, com excepção das Caldas da Rainha, e nos hospitais que não pertenciam às Misericórdias. No Hospital de Todos-os-Santos os lóios estiveram encarregados da sua administração desde 8 de Março de 1530 a 21 de Junho de 1564, passando depois esta para a Misericórdia de Lisboa.

Neste tempo, além do impaludismo, da lepra e da sífilis que grassavam em larga escala, houve muitas epidemias de carbúnculo, gripe, febre tifóide, catarro, tifo exantemático, varíola, além das pestilências exóticas em 1503, 1505-507, 1510, 1514, 1518, 1520-24, 1526, 1527-29, 1531, 1537, 1546, 1554, 1568-70 (peste grande), 1572, 1574-81, 1585, 1598-603 e 1623.

As noções do contágio e as regras de hygiene individual e colectiva pouca diferença faziam das que eram conhecidas no século anterior. Mas para o exercício da hygiene e prática da profilaxia, tanto das endemias como das epidemias exóticas, havia em Lisboa uma organização que é das cousas de que mais devemos orgulhar-nos, pois representa nesse tempo um progresso enorme, de que poucos países gozavam e que talvez nenhum igualasse, quanto ao número e qualidade dos objectos da saúde pública visados nesta instituição. Dependendo unicamente do senado da câmara de Lisboa, a quem o próprio monarca recomendava o que julgava mais proveitoso, reconhecendo no entanto a sua autonomia, havia já no princípio do século xv uma instituição representada pelo pelouro da saúde, o vereador respectivo, o provedor da saúde e empregados auxiliares, que na igreja de S. Sebastião, abaixo da Sé, tinham a sede das suas reuniões e direcção dos serviços dependentes, exercidos pelo fisico, cirurgião e barbeiro da cidade, pelos cabeças e guardas de saúde, pelos técnicos e ajudantes do pôsto que se estabeleceu em Belém para a visita dos barcos que entravam a barra, e do lazareto respectivo, que depois passou para a outra margem do rio. Além disto o pelouro da saúde superintendia nos provedores de saúde e pessoal auxiliar que muitas vezes foi necessário nomear para o Pôrto e para outros pontos da fronteira terrestre e marítima, onde chegava para êste efeito a acção do senado da câmara de Lisboa. Êste tribunal, circunstância que nunca foi posta em evidência pelos que celebraram o poder e importância dos nossos municípios na vida social económica e administrativa do País, vigiava sôbre a limpeza dos lugares públicos, os canos e outras maneiras de remover as imundícies, os mercados e feiras, sôbre a qualidade dos alimentos expostos à venda e outros capítulos da

higiene urbana em tempos normais. Estava além disso encarregada da profilaxia e combate das doenças pestilenciais, e para isso estabelecia o isolamento das localidades infectadas, vigiava a entrada por terra e por mar das pessoas e cousas (sobretudo alimentos e peças de vestuário) provenientes dos lugares sujos, e para isso estabelecia cordões sanitários, mantinha a visita dos navios que, ou viessem dos portos do Mediterrâneo, tanto europeus como africanos, ou doutros pontos, podiam trazer os gérmes do contágio. Estabelecida apesar destas medidas qualquer epidemia, era a câmara quem olhava pelo isolamento das casas onde havia pessoas empestadas, pelo encerramento daquelas onde tinha já havido óbitos, pela remoção dos atacados que era possível transportar para as casas de saúde (a primeira das quais se estabeleceu em Alcântara) e onde todo o pessoal ficava isolado, pela limpeza e desinfecção dos lugares públicos, das roupas e utensílios dos infestados e por todas as outras medidas próprias a debelar o mal. O rei nestas ocasiões correspondia-se com frequência com a câmara, que lhe solicitava as cartas e alvarás em que se estabeleciam as penalidades impostas aos que não cumpriam as prescrições dos regimentos então instituídos e todas as outras providências que só podiam tomar-se com a autoridade real. *O Regimento do Provedor-mor de Saude* de 29 de Janeiro de 1580 regulou estes serviços.

Merecem menção especial os seguintes nomes:

GARCIA DA ORTA, natural de Elvas, obteve o grau de licenciado depois de estudar em Salamanca e Alcalá. Habilitou-se para exercer clinica em Portugal em 1526 e quatro anos depois veio reger na Universidade de Lisboa a cadeira de Filosofia, lendo as *Sumulas*. No principio de 1534 foi para a Índia, onde viajou muito e exerceu clinica hospitalar e civil. Deixou os *Coloquios dos simples e drogas medicinais* (1563), onde o seu amigo Luís de Camões publicou os primeiros versos. Foi o naturalista mais erudito do seu tempo, que na descrição de novas espécies botânicas, na critica do que sôbre as já conhecidas tinham escrito os autores de maior nomeada, nos dotes de observação que revela nas cousas de medicina, por exemplo a respeito da sintomatologia e tratamento da cólera e origem das boubas, revelou tal engenho e saber neste trabalho tam copiado e plagiado, que bem pode considerar-se um dos maiores vultos dos nossos gloriosos antepassados, pois a todo o mundo ensinou os segredos da flora do Oriente.

AMATO LUSITANO, que assim era conhecido João Rodrigues Castelo Branco, nasceu em 1511 em Castelo Branco, formou-se em medicina em Salamanca e, depois de ter estado algum tempo em Portugal, saiu para Antuérpia, depois passou a Ferrara onde ensinou medicina, e sucessivamente a outras cidades de Itália e por fim a Roma. Daqui fuge para Pesaro, donde passa a Ragusa e daqui para Salónica, onde morreu a 21 de Janeiro de 1568.

Deixou *Index Dioscoridis* (1536), *In Dioscorides de Medica materia Librum quinque enarrationis* (1556) e *Curationium medicinalium Centurio Septem* (1556 e outras datas), além de vários manuscritos que se perderam.

Amato é o tipo de médico erudito d'este tempo, estando perfeitamente adestrado na prática médica e cirúrgica e que não só possuía os conhecimentos aproveitáveis do hipocratismo, do galenismo e do arabismo, isto é, não só tinha a cultura clássica, mas também a latina, e para coroar esta riqueza conhecia o latim, o grego e provavelmente o árabe, de maneira a poder ler no original toda a obra de valor que se acumulara até o seu tempo. Estava portanto nas condições de figurar em lugar de destaque entre os chamados *comentadores* que se ilustraram então e é como tal que os tratados modernos de História de Medicina o classificam. Mas em Amato havia mais alguma cousa, porque, além dos conhecimentos de sciências naturais e da matéria médica que lhe permitiram criticar e emendar o livro clássico de Dioscorides, elle tinha acentuadíssima a tendência que então despontava entre todos os espíritos avançados para deixar em segundo plano a rumação dos textos antigos, para fazer o maior empenho em reunir observações completas e numerosas quanto fôsse possível, como único meio de progredir no estudo das doenças, tanto debaixo do ponto de vista da sintomatologia, como da etiologia e tratamento. Era a escola que entendia que os doentes eram os verdadeiros tratados a consultar.

E foi assim que reuniu documentos valiosos, cheios de observações e apreciações originaes sôbre a anatomia, a patologia, a epidemiologia e a terapêutica médica e cirúrgica.

CRISTÓVÃO DA COSTA, natural de África, estudou medicina em Coimbra, foi para a Índia em 1568 e, voltando ao continente, escreveu o *Tratado de las drogas y medicinas de las Indias* (1578), tirado do livro de Garcia da Orta, que contribuiu para fazer conhecido.

ANTÓNIO LUÍS nasceu em Lisboa no último quartel do século xv, doutorou-se em Coimbra, onde foi professor; helenista e latinista de grande merecimento, foi um comentador valioso dos tratados clássicos. Deixou além doutros livros e manuscritos *De re medica* (1540).

MANUEL BRUDO, filho de DIONÍSIO, médico judeu que serviu D. João III e sua mulher, exerceu clinica em Inglaterra e em Antuérpia. Deixou *Liber de ratione victus in singulis febribus* (1544).

HENRIQUE DE CUELLAR, português, que nasceu cêrca de 1483, estudou medicina fora de Portugal e foi chamado em 1537 para ensinar na nossa Universidade. Comentador de merecimento deixou *Ad libros tres predictionum Hippocratis* (1543).

GARCIA LOPES nasceu em Portalegre cêrca de 1520, era judeu, estudou em Salamanca e veio exercer clinica na sua terra, onde era cobrador dos im-

postos e por não poder dar boas contas teve de fugir para a Bretanha, donde passou a Antuérpia. Foi doutorar-se em Lovaina. Voltou a Portalegre em 1564 e cinco anos depois tornou a fugir, sendo preso em Lerena à ordem da Inquisição que o condenou a ser queimado em 1572. Deixou *Commentaria de varia rei medicæ lectione* (1564).

TOMÁS RODRIGUES DA VEIGA, judeu, nasceu em Évora em 1513, doutorou-se em Salamanca, veio ensinar em Coimbra em 1538, foi médico de D. João III e de D. Sebastião e morreu em 1579, deixando *Opera omnia in Galeni libros edita* (1587) em que se mostrou ser insigne comentador, e a *Pratica Medica* (1668).

RODRIGO DE CASTRO, judeu, que nasceu em Lisboa em 1546, doutorando-se em Salamanca e vindo exercer clinica em Évora e Lisboa, donde passou a Antuérpia e depois a Hamburgo, morrendo em 1627 ou no ano seguinte, e deixando *De universa mulierum medicina* (1603), obra notável que lhe tem merecido a designação de patriarca da ginecologia, e *Medicus Politicus* (1614) o mais notável trabalho de deontologia médica do seu século.

AMBRÓSIO NUNES, natural de Lisboa, formou-se em Coimbra, onde ensinou, passando depois para a Universidade de Salamanca. Voltando à pátria, foi cirurgião-mor do reino e médico da câmara real. Faleceu em 1611, deixando *Tratado repartido en cinco partes principales, que declaran el mal, que significa este nombre peste* (1648) e *Ennarationes in priores tres Libros Aphorismorum Hyppocratis* (1603).

HENRIQUE JORGE HENRIQUES, nasceu na Guarda no meado do século, estudou medicina em Coimbra e em Salamanca, onde regeu uma cadeira de artes, e depois voltou para Coimbra, onde ensinou medicina. Deixou *De Regimine Cibi atque Potus* (1594) e *Retracto del perfecto medico* (1595) em que revelou grande erudição.

PEDRO NUNES, nasceu em Alcácer do Sal, formou-se em medicina em Lisboa, foi para Salamanca donde veio reger cadeiras na Universidade da nossa Côrte. Foi célebre matemático e cosmógrafo insigne, deixando além de muitas outras obras o *Tratado da Sphera* (1537) e *De Crepusculis* (1542) onde se consigna a sua invenção do nónio. É uma das grandes glórias científicas do nosso País.

ALEIXO DE ABREU, nasceu em 1568 em Alcáçovas e formou-se em Coimbra, estabeleceu-se em Lisboa até que foi para Angola, onde esteve até 1606 em que voltou para a Côrte, onde, depois de ter feito uma viagem ao Brasil, faleceu em 1630, deixando o *Tratado de las siete enfermedades* (1622) em que se encontram as primeiras informações sobre o escorbuto, a doença do bicho e outras afecções dos países tropicais.

RODRIGO DA FONSECA nasceu em Lisboa e foi lente de medicina nas Universidades de Pisa e de Pádua. Faleceu em Roma em 1622 depois de ter

publicado muitos livros, entre os quais *Commentarium in Aphorismum Hippocratis* (1591), *Commentarium in Hyppocratis Prognosticum* (1597), *De tuenda valetudine* (1602), *De Febrium acutis remediis* (1621) e *Consultationes Medicae* (1625).

FRANCISCO SANCHES nasceu em Braga em 1551, estudou humanidades em Bordéus e formou-se em medicina em Montpellier, e aqui e em Toulouse ensinou Medicina e Filosofia. Faleceu em 1632 e publicou *De multum nobili et utili scientia quod nihil scitur* (1581), que o tornou célebre por conter os fundamentos da doutrina que mais tarde immortalizou Descartes, *De Intreprensandis Autoribus* (1582) e *Opera Medica* (1649). Foi grande médico e filósofo.

JERÓNIMO DE MIRANDA, natural de Lisboa, estudou em Coimbra e Salamanca, e foi fisico de D. Sebastião, publicou *Dialogo da perfeçam & partes que são necessárias ao bom medico* (1562), que durante muito tempo figurou com o nome de seu pai Afonso de Miranda.

LUÍS DE LEMOS nasceu em Portalegre e formou-se em Salamanca, onde foi professor de medicina afamado, retirando-se no fim da vida para Llerena. Foi considerado um clínico de excepcional merecimento. Publicou *In libros Aristotelis, Comentarrii* (1558), *Paradoxorum Dialecticorum* (1558), *Judicium Operum Magni Hippocratis* (1584), *Optima Prædicendi Ratione Libri Sex* (1585), *In libros Galeni de morbis medendis commentarii* (1581), *Tres libros Galeni de Naturalibus Facultatibus Commentarii* (1591) e *Physicæ ac Medicæ Disputationes* (1588).

Dominaram neste período as *Escolas Latinas* (italiana, francesa e espanhola).



HOSPITAL DE TODOS-OS-SANTOS

TERCEIRO PERÍODO

(1626 — 1772)

A DOMINAÇÃO ESPANHOLA, QUE ALÉM DOUTROS resultados nefastos teve como consequência a retirada para Portugal de muitos centenares de estudantes que se instruíam nas Universidades daquele país, e o abatimento que na vida económica e política êsse facto determinou entre nós e que foi o reflexo do empalidecer da nossa nacionalidade e o período de inquietação e lutas que seguiu a restauração do poderio espanhol explicam em parte a decadência que caracteriza o século xvii e uma parte do imediato na medicina portuguesa. A vida científica da nossa Universidade ficou quasi anulada até a Restauração, ficando o número dos lentes reduzido a três e sofrendo todo o ensino do desprezo a que a votaram os governantes.

Mas maior causa de atraso devemos encontrar na enorme dificuldade e lentidão com que as descobertas e adiantamentos, que então se faziam em toda a parte na filosofia e mais ainda nas sciências fisico-químicas e naturais e nas suas aplicações, chegavam a Portugal e se difundiam nos clínicos e professores. Uma das causas dêste embaraço nos progressos da cultura era sem dúvida a nossa ignorância das linguas vivas, que então se tornavam absolutamente indispensáveis para apreender de pronto o que de importante se ia produzindo na Europa.

Assim como a Alquimia tinha tido pouca repercussão entre nós, as doutrinas patológicas e químicas de Paracelso e dos médicos químicos que se lhe seguiram, como Van Helmont, Sennert, Silvius, Willis e outros, ficaram ignoradas, de maneira que não só a teoria dos fermentos e outras concepções novas sobre as doenças e a forma como o organismo tenta resistir-lhes, mas também o uso dos novos remédios, como o álcool, o ópio, os ácidos, o sulfato de soda e até a quina, ficou por muito tempo desconhecido e daí proveio a grande dificuldade em deslocar e substituir as antigas doutrinas patológicas e aplicações terapêuticas.

Foi a Física que dominou a medicina no século xvii, pois as novas descobertas daquela ciência e os trabalhos de Galileo, Kepler, Mariotte, Newton e outros foram ignorados entre nós por muito tempo. O que Bacon e Locke estabeleceram e teve tanta importância nos progressos da ciência, quanto à necessidade de experiência, era letra morta em Portugal, de maneira que a descoberta da circulação por Harvey e o movimento que se lhe seguiu na Fisiologia só passado meio século penetrou em Portugal, onde a sua importância foi mal compreendida.

Mas como não havia de ser assim, se até o colossal avanço que no século anterior e no primeiro quartel do xvi tinham dado à Anatomia Vesalio e toda a brilhante escola italiana era para nós como inexistente.

Esta demora enorme que havia na importação das novas ideias já se tinha dado no campo da cirurgia. É certo que as traduções espanholas, as únicas que podiam ser lidas pelos nossos cirurgiões, das obras de Guido e de Ambrosio Pareo, apareceram tarde, mas ainda assim é preciso que nesse tempo Portugal estivesse quasi a um século de distância da Europa culta para que fôsse possível ainda o desconhecimento do que esses cirurgiões tinham compilado com tanto critério e proveito. Em todo o caso foi na Cirurgia e depois na Anatomia que a escola prática que constituía já no princípio do século xviii o Hospital de Todos-os-Santos teve importância decisiva. Os mestres estrangeiros que ali vieram com fortuna vária ensinar Anatomia, e os cirurgiões, alguns dos quais tinham aprendido nas suas viagens o que se praticava no estrangeiro, e que nas suas enfermarias se encarregavam de instruir os praticantes, foram de um valioso auxílio na preparação dos clínicos, de que então precisávamos em grande número, não só para a clínica civil do continente, mas também para o serviço do exército e armada e das nossas colónias. Foi também proveitosa a exigência legal de que os pretendentes à carta de Cirurgia apresentassem certidão de terem estudado Anatomia.

Na Universidade de Coimbra o alvará de 1608, proibindo que os licenciados pudessem exercer onde houvesse médicos habilitados por aquele estabelecimento e a reforma de 1612 alargando as matérias ensinadas e au-

mentando o corpo docente, assim como a entrada de alguns professores que já possuíam conhecimentos que iam além da instrução clássica, foram outros tantos elementos de progresso, que se fizeram sentir na preparação dos novos clínicos.

É certo que tivemos nesse tempo alguns tratadistas que, sem desprezar a ciência tradicionalista, mostravam pelo amor da observação tendências progressivas de grande alcance no campo da Patologia e da Terapêutica. São dêsse número, ocupando lugar primacial, Zacuto Lusitano e Duarte Madeira Arrais, que no seu *Methodo de conhecer e curar o morbo gallico* (1642) mostrou conhecer muito bem a etiologia da doença, que tudo leva a supor existia com grande profusão em Portugal, a sua patologia e diferentes métodos de tratamento, onde predominam o pau santo, a salsaparrilha e o mercúrio dado *intra et extra*, mas sobretudo em fricções acompanhadas das sudações forçadas.

Zacuto, sabendo aproveitar-se da grande erudição que possuía dos antigos textos e do conhecimento de muitas línguas vivas, que lhe permitia estar a par dos livros que consignavam as últimas doutrinas e as recentes conquistas da ciência, aproveitou dos clássicos não as teorias mais ou menos erróneas e fantasistas, mas as observações exactas e judiciosamente feitas de casos clínicos e aproximou-as dos que a sua clínica e a dos seus contemporâneos mais ilustres ia registando, constituindo assim um conjunto de factos donde era possível tirar bom ensinamento.

Mais tarde parte dos novos médicos tomaram conhecimento dos tratados dos holandeses Boerhaave e van Swieten e dos alemães Hoffmann e Stahl.

Mas a maior parte dos nossos grandes clínicos e tratadistas não seguiam êste caminho, sem doutrinas dirigentes, ou, guiados apenas pelo antigo humorismo, desprezavam o exame minucioso e esclarecido do doente e acumulavam apenas as antigas fórmulas da idade média, como a teriaga de sessenta componentes, e todos os remédios secretos ou não da mais fantasiosa e repelente origem, que principalmente iam buscar ao reino animal, onde persistiam os vestígios do misticismo, práticas de magia e outras não menos absurdas.

Os remédios heróicos de que usavam e abusavam eram os cautérios, os fongos, as sangrias gerais e locais, os vesicatórios, as purgas e os vomitórios. Repetiam estes meios violentos de perturbar as funções e pretender jugular a doença, sem respeito pelas forças do paciente nem pelo estado dos principais órgãos que pudesse ser influenciado para mal por tal terapêutica, e o resultado era que os doentes sucumbiam mais vezes ao tratamento do que à doença. E a cegueira era tanta que, quando lá por fora por mais de uma vez se iniciou reacção enérgica e salutar contra tais práticas, êsse movimento quasi não teve eco em Portugal, ou, se o teve, depressa se

apagou. Assim aconteceu quando contra o uso nefasto dos apósitos mais fantasistas usados nos ferimentos, erisípeles, dermites e outras doenças externas se inventou a aplicação dos círculos de óleo de ouro, que consistia em respeitar aquelas lesões, limitando-se apenas o prático a cercá-las a distância por uma pincelada de um óleo que submetido ao aquecimento adquiria por isso qualidades assépticas, tratamento que tornou célebre o fidalgo D. João de Castelo Branco, famoso curandeiro que nesse tempo fez curas muito celebradas. Esta prática, que representava a reacção contra os antigos usos terapêuticos, que nas contusões e ferimentos de maior gravidade, e em casos semelhantes, acumulava as substâncias mais sujas e sépticas em contacto com as partes que era preciso preservar, aproveitava muito não pelo bem que fazia àquelas lesões, mas por deixar de fazer o mal que lhes ocasionavam os antigos meios terapêuticos. Pois, porque assim era, êste método expectante e conseqüente utilíssima abstenção foi, passado pouco tempo, pôsto de parte.

Igualmente surgiu na Europa culta como reacção salutar contra a horri-vel polifarmácia dêste tempo a dieta hídrica empregada principalmente nas febres e o uso da inédia rigorosa, em que só era permitida a água simples.

Êste sistema, iniciado com grande entusiasmo e retumbância na Alemanha, estendeu-se rapidamente para a Itália, França, Inglaterra e Espanha, onde os chamados *médicos da água* fizeram uma revolução que durou muito tempo e alcançou grande sucesso. Em Portugal houve (1747) apenas um pálido e atrasado reflexo desta innovação, e de prático aproveitou-se dela, na clínica corrente, unicamente a redução da dieta aos caldos de frango e a utilização das tisanas e limonadas.

A parte mais interessante da história desta época é a que se refere ao movimento que no Hospital de Todos-os-Santos se deu no ensino da Anatomia, entregue desde 1704 aos mestres estrangeiros, e o da Cirurgia realizado em todo o século xviii pela pléiade de cirurgiões abalisados que aquele estabelecimento soube educar e aproveitar.

Mas contrastando com êste atraso entreviam-se fracos reflexos que reflectiam os luminosos fachos que a sciência europeia mantinha acesos iluminando o mundo e só por intervalos aparecem manifestações tímidas dos progressos tam evidentes para lá dos Pirenéus.

Pelo menos desde o principio do século xvii que existia em Lisboa a primeira confraria de S. Cosme e S. Damião, em que se tinham agrupado, como os membros doutras classes faziam havia muito tempo, os médicos, cirurgiões e boticários. Idênticas confrarias houve em Santarém e mais tarde no Rio de Janeiro e na Baía, constituindo outros exemplos do que deve considerar-se o primeiro esboço das associações de classe. No segundo quartel do século xviii constituiu-se em Lisboa a primeira associação médica com fins

científicos, a Sociedade Médico-Lusitana, e no Pôrto a Real Academia Chirúrgica Proto-Typo-Lusitanica Portuense e pouco depois (1749) aparecia o número único do primeiro periódico médico, o *Zodiaco Lusitano-Delphico-Anatomico, Botanico, Chirurgico*, etc.

Nesta época, além das endemias de impaludismo, raiva, diarreias de hospital, febre puerperal, gangrena, carbúnculo e outras em que sobressaía extraordinariamente a tuberculose, houve epidemias muito numerosas e mortíferas de varíola, peste, febre amarela, catarros, difteria, sarampo, tífis e outras doenças em 1626, 1631, 1642, 1646, 1658-59, 1678, 1680, 1685, 1686, 1687-88, 1694-95, 1700-704, 1711-12, 1718, 1722-24, 1727-29 e 1740-44.

A higiene das aglomerações urbanas e a defesa internacional foi regulada em 7 de Fevereiro de 1695 pelo *Regimento do que se há-de observar sucedendo haver peste* e mais tarde, em 15 de Dezembro de 1707, pelo *Regimento do Provedor-mor de saude*.

Os grandes hospitais estavam entregues desde D. João III à administração da congregação dos cônegos seculares de Santo Elói e sob a direcção e fiscalização da Mesa da Consciência. Desde 1592 que o serviço de enfermagem nestes estabelecimentos foi entregue aos obregões, que mais tarde exerceram também funções de administração, dando em ambos estes serviços provas pouco brilhantes da sua capacidade, do que resultou serem despedidos em 1644. Três anos antes tinham começado os religiosos de S. João de Deus a servir como administradores e enfermeiros dos hospitais militares, continuando a prestar os seus serviços, não só no continente, mas também nas nossas possessões até o século XIX. Funda-se em 1673 o primeiro hospital militar de grande importância no sítio do Castelo, em Lisboa.

Nas *Ordenações Filipinas* de 1603 determina-se pela primeira vez que os médicos e cirurgiões sejam convocados e ouvidos como peritos. Tanto nos tribunais civis, como nos do Santo Offício, os peritos nunca expunham o seu parecer colectivamente, mas depunham verbalmente ou por escrito, como qualquer testemunha, dando-se muitas vezes a circunstância de que as suas opiniões eram tidas em igualdade de conta com as dos oficiais de justiça, guardas das prisões, etc. Eram também ouvidos pelos tribunais eclesiásticos em casos de anulação de matrimónio e noutros.

O segrêdo médico nunca foi tam desrespeitado como neste tempo. Nos tratados citavam-se livremente os nomes dos doentes, mesmo nos casos em que estes teriam o maior interêsse em ocultar as suas doenças.

Em 1725 aparecia o primeiro livro em linguagem que permitia aos cirurgiões e às parteiras instruírem-se na Obstetrícia, *Luç de Comadres e Parteiras*, de Domingos de Lima e Melo.

O *Exame de boticarios* (1736), a *Pharmacopea Lusitana* (1704) e a *Pharmacopea bateana* (1713) foram de grande auxilio e ensinamento não só para os boticários, como para os clínicos.

Deve ainda notar-se que desde o século xvii o número dos cirurgiões e especialistas ambulantes estrangeiros que invadiram o nosso País foi muito grande, contando-se entre elles alguns de valor real e fama justificada.

Merecem ser lembrados os médicos seguintes dêste tempo:

ZACUTO LUSITANO, judeu, que nasceu em Lisboa em 1575 e estudou em Salamanca e Coimbra, estabeleceu-se em Lisboa, onde exerceu a clinica com muito resultado, tendo de fugir para Amsterdão, onde ficou até morrer em 1642. Publicou *De medicorum principum historia* (1629), *De Praxi medica admiranda* (1634) e *Praxis historiarum* (1642), deixando inéditos muitos manuscritos.

Duma erudição assombrosa, reüniu observações antigas e outras do seu tempo colhidas por êle ou por contemporâneos ilustres, comentou essa massa valiosa de factos, expondo com a maior clareza e lucidez a sintomatologia e mostrando na parte da terapêutica as suas preciosas qualidades de grande clínico. Constitui uma das mais legítimas glórias da medicina portuguesa.

FILIPE OU ELIAS ROIZ MONTALTO, judeu, que nasceu em Castelo Branco, estudou medicina em Espanha, estabeleceu-se em Lisboa, donde fugiu para Bordéus e, depois de ter estado em Valladolid, foi para Livorno. Passou a Florença já com grande fama e aí foi médico do grão-duque. Tendo rejeitado succeder a Mercurial na Universidade de Pádua, e chamado para França pela rainha Maria de Médicis, foi médico de Luis XIII e acompanhando-o a Tours aí faleceu em 1616. Além de manuscritos de polémica religiosa deixou *De visu, de visus organo, & objecto theoriã accurate complectens* (1606), o primeiro tratado, depois do manuscrito de Pedro Julião, de autor português sôbre oftalmologia, *Archipathologia in Qua Internarum capitis Affectionum*, etc. (1618) e *Consultationes Medicæ Itemque de Sensu et Sensato Super Aristotelem* (1614).

ESTÊVÃO RODRIGUES DE CASTRO, judeu, que nasceu em Lisboa em 1559 e aqui viveu até que foi para Pisa, onde foi professor célebre. Era poeta inspirado, deixando muitas poesias em português, italiano e latim. Morreu em Pisa em 1637, escreveu várias obras em latim sôbre medicina e hygiene, a maior parte das quais foram publicadas por seu filho depois da sua morte. As mais importantes são *Tractatus de Complexu Morborum* (1624), *Quæ ex quibus* (1646), em que procura estabelecer as relações e dependências que existem entre as diferentes doenças, *Syntaxis Prædictionnum Medicarum* (1661) e *Tractatus de Natura Muliebri* (1668).

Só pelo que valiam estes quatro nomes se pode fazer idea do que Portugal perdeu com a saída dos médicos israelitas.

ANTÓNIO DA CRUZ, natural de Lisboa, estudou nesta cidade e em Guadalupe e publicou *Recopilação de Cirurgia* (1601), em que, reproduzindo muito do que ensinou Guido, Lanfranco e outros, refere também o que observou tanto no Hospital de Todos-os-Santos, como no de Nossa Senhora de Guadalupe. Êste livro foi o primeiro que permitiu aos cirurgiões portugueses que ignoravam as línguas estrangeiras começarem a fazer a sua educação.

ANTÓNIO FERREIRA, natural de Lisboa, ensinou no Hospital de Todos-os-Santos, foi cirurgião de grande nomeada e serviu na câmara real. Faleceu em 1679 e publicou *Lus verdadeira e recopilado exame de toda a Cirurgia* (1670). À sua grande erudição reüniu neste tratado o produto da sua larga e esclarecida prática. Foi dos primeiros que se abalançaram a praticar operações de grande cirurgia.

DUARTE MADEIRA ARRAIS nasceu em Moimenta da Beira, estudou em Salamanca e foi fisico-mor de D. João IV. Faleceu em 1652 e deixou, além de manuscritos sôbre veterinária e sôbre outras matérias, o *Methodo de conhecer e curar o morbo Gallico* (1642), extenso tratado em que desenvolvimento se expõe a etiologia e sobretudo a sintomatologia, evolução e tratamento da sífilis, *Novæ Philosophiæ & Medicinæ de Occultis qualitibus* (1650), etc.

MANUEL TEIXEIRA DE AZEVEDO, natural de Lisboa, que se formou em Salamanca, foi protomédico da armada e depois professou, falecendo cêrca de 1672, deixando *Correcção de abusos introduzidos contra o verdadeiro methodo da medicina* (1668), em que combate o abuso das sangrias, defendendo por outro lado o uso dos purgantes e a sangria dos pés contra o tifo, tratamento de que se julgava ser o introdutor em Lisboa.

JOÃO FERREIRA DA ROSA nasceu em Gáfete cêrca de 1663, estudou medicina em Coimbra e foi para Pernambuco, onde, depois de ter observado a grande epidemia de febre amarela que grassou no Brasil, publicou *Trattado unico da constituição pestilencial de Pernambuco* (1694), muito estimado por ser das primeiras obras médicas em que aquela doença é descrita.

JOÃO CURVO SEMMEDO nasceu em Monforte em 1635 e formou-se em Coimbra, estabeleceu-se em Lisboa, onde teve grande clinica e foi médico da Casa Real. Faleceu em 1719, deixando muitas obras impressas, entre as quais *Polyanthea Medicinal* (1695), *Observationes ægritudinem* (1718) e *Observações Medicas* (1727). Era muito erudito e teve o merecimento de vulgarizar os trabalhos dos químicos do século anterior e o conhecimento de muitas plantas com que a matéria médica se tinha enriquecido nos últimos anos. Pena é que desse tanto crédito às superstições antigas que tanto deslustraram a sua obra.

FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES nasceu em Mirandela em 1665, formou-se em Coimbra, foi para a sua terra e dali veio em 1698 para Lisboa. Foi clínico de grande fama e publicou *Pleuricologia* (1701), *Tratado unico do uso e administração do Azougue* (1708), *Medicina Lusitana*, *Soccorro Delphico* (1710), *Apiarium Medico-Chymicum* (1711), *Madeira Ilustrado* (1715), *Anchora Medicinal* (1721) e *Aquilegio Medicinal* (1726). Morreu em 1731. Nas suas obras reúne as tradições do galenismo e as doutrinas e respectivas aplicações de Sylvius e de Willis. Além disso registou muitas observações e referências a epidemias, que são de grande interesse para a nossa história médica.

FERNÃO OU MOISÉS MENDES, judeu, que se formou em Montpellier e veio estabelecer-se em Portugal, donde foi para Londres como médico da rainha D. Catarina, alcançando grande nome como clínico e sendo nomeado membro do Real Colégio dos Médicos. Foi o inventor da Água de Inglaterra, um vinho de quina que durante anos exportou para Portugal. Morreu em Londres em 1725. Publicou *Studium Apollinare Sive Progymnasmata Medica* (1668).

JOÃO BAPTISTA SILVA nasceu de pais portugueses israelitas em Bordéus em 1682 e doutorou-se em Montpellier. Estabeleceu-se em Paris, onde também tomou o grau de doutor e adquiriu grande fama como clínico, sendo chamado para servir no paço. Foi quem fez a propaganda da sangria do pé como meio de tratamento contra a variola e outras doenças, o que deu lugar a grandes controvérsias. Foi o principal visado nas críticas de La Mettrie. Luís XV concedeu-lhe carta de nobreza. Faleceu em 1742. Publicou, além de várias consultas que vêm em *Dissertations et Consultations Médicinales de Messieurs Chirac, & Silva* (1744), o *Traité de l'usage des différentes sortes de Saignées principalement de celle du pied* (1727) e outros escritos que foram citados em vários tratados de medicina.

ANTÓNIO PIRES DA SILVA, natural de Bragança, estudou em Coimbra, exerceu clínica em Lafões e em Aveiro e publicou *Chronographia medicinal das Caldas do Alafoens* (1696), a primeira obra de alguma importância sobre as águas minerais portuguesas.

MANUEL LOPES, natural de Santa Glória de Gralhas (Montalegre), estudou no Hospital de Todos-os-Santos. Era clínico afamado e foi cirurgião da câmara real e publicou *Analysis da Algebra ou Exame dos Ossos do Corpo Humano* (1760), com muitas observações e dando conta de processos operatórios que então eram grande novidade entre nós.

FELICIANO DE ALMEIDA nasceu em Lisboa. Depois de estudar no Hospital de Todos-os-Santos, teve carta em 1693 e, como cirurgião de bordo, viajou muito pela Europa e América, tendo aproveitado muito com a visita dos principais hospitais de Inglaterra, França, Flandres e Alemanha. Ensinou no

Hospital de Todos-os-Santos e deixou *Cirurgia reformada* (1715), tratado muito interessante, onde registou as observações da sua prática e as operações de grande cirurgia a que se abalançou.

ANTÓNIO GOMES LOURENÇO nasceu em 1709 no Monte de Lôbos (Mortágua), estudou no Hospital de Todos-os-Santos, onde depois ensinou, tendo adquirido grande fama como clínico. Deixou *Arte phlebotomanica* (1741), *Breve exame de sangradores* (1746), *Cirurgia Classica Lusitana* (1754), que era um bom manual, e *Dissertação pratica da exostose* (1772).

SANTOS DE TÔRRES nasceu em 1676 na Venda Nova (Coimbra), estudou no Hospital de Todos-os-Santos, onde depois ensinou cirurgia. Foi clínico afamado e deixou o *Promptuario pharmaco-cirurgico* (1741).

Sôbre esta época exerceram principal influência as *Escolas Latinas* e, nos últimos tempos, a *Escola Alemã*.



HOSPITAL DE S. JOSÉ — RÉGIA ESCOLA DE CIRURGIA DE LISBOA

QUARTO PERÍODO

(1723 — 1824)

A GRANDE DIFICULDADE QUE HAVIA EM CHEGAR a Portugal o conhecimento dos enormes progressos que em todos os ramos da Medicina se tinham realizado até o meado do século XVIII em vários países da Europa e a organização arcaica da nossa Universidade, em que relativamente àquela ciência nada se sabia nem ensinava fora das doutrinas de Aristóteles, de Galeno e de Avicena, este atraso flagrante de Portugal relativamente à Europa culta, foram interpretados pelo sábio Verney em 1746 no *Verdadeiro methodo de estudar*, e em volta da discussão que este livro provocou começaram a reunir-se e concertar-se os protestos dos que reconheciam a deficiência do nosso ensino e reclamavam as reformas que a remediassem. Daqui veio a encomenda a Ribeiro Sanches de um plano de organização da instrução pública, a que este notável



homem de ciência respondeu em 1763 com o seu *Methodo de aprender e estudar a Medicina*, e a nomeação da Junta de Providência Literária que apresentou o resultado dos seus estudos no célebre *Compêndio Histórico do estado da Universidade de Coimbra* (1771).

Ribeiro Sanches insistia na educação ou instrução secundária e preparatória do estudo da Medicina, constituída pela aprendizagem do latim e do grego, da matemática e da filosofia. Ligava grande importância à criação dum horto botânico, de laboratórios e dum hospital escolar e pretendia que as sciências médicas fôsem professadas reproduzindo o ensino de Boerhaave, que para êle representava a última palavra dos progressos até então realizados nesta matéria. Entendia também que a medicina e a cirurgia deviam ser aprendidas e exercidas pelos mesmos profissionais, acabando-se assim com a classe dos antigos cirurgiões.

Na reforma que se realizou e em que tomou parte activa um amigo de Sanches, João Mendes Sachetti Barbosa, exigia-se o conhecimento do grego e do latim, recomendava-se o das línguas francesa e inglesa, era obrigatório o estudo da Filosofia, da Matemática e da Física. Terminado êste estudo preparatório, começava o curso médico distribuido por cinco anos, estudando-se no primeiro Matéria Médica e Prática Farmacêutica, no segundo a Anatomia, Operações Cirúrgicas e Obstetricia, que seriam ensinadas teórica e praticamente, no terceiro as Instituições Médicas, que compreendiam História da Medicina, Fisiologia, Patologia, Semeiôtica, Higiene e Terapêutica e começava a frequência da clinica hospitalar, que se continuava no quarto ano juntamente com o estudo dos *Aforismos* de Boerhaave. O quinto ano era exclusivamente consagrado à prática hospitalar.

Esta reforma, representando grande progresso sôbre o que existia anteriormente, não teve contudo todas as consequências benéficas que dela havia a esperar, apesar de se terem contratado professores estrangeiros tanto para algumas cadeiras de Matemática e Ciências Naturais, como para as de Prática e de Anatomia. Teve aqui lugar primacial o inteligente e dedicado reitor reformador D. Francisco de Lemos que fez parte da Junta Literária, foi redactor do *Compêndio Histórico*, colaborou na reforma e promoveu a sua execução, fazendo construir o Museu de História Natural, o Gabinete de Física, o Observatório Astronómico e a Oficina Tipográfica.

No entanto acumulavam-se as provas do nosso atraso. As habilitações dos mestres que tinham sido chamados para o Hospital de Todos-os-Santos, dos médicos e cirurgiões estrangeiros que vinham estabelecer-se entre nós para exercer a clinica civil, alistar-se no exército ou servir as colónias estrangeiras, dos especialistas ambulantes que atravessavam o País, os depoimentos dos clinicos nacionais que ou tinham feito a sua educação no estrangeiro, ou por lá tinham aprendido muito nas suas viagens, e a entrada dos livros que nos

chegavam de França e da Inglaterra principalmente eram outros tantos factores do descontentamento que lavrava entre nós e da ânsia por mais eficaz illustração que na classe se manifestava.

E no entanto pretendia-se progredir por vários modos, visto que se reconhecia que, apesar de na Universidade ter começado um movimento interessante e proficuo de melhoramentos, como foram a criação do Jardim Botânico, a organização do ensino da Física, da Química e das Ciências Naturais, era necessário fazer muito mais e por isso sucessivamente apparecem iniciativas felizes todas tendentes a melhorar muito a educação scientifica e prática dos futuros clínicos.

A Junta do Proto-Medicato (1782-1809) regulou a habilitação dos médicos e cirurgiões, botânicos e sangradores nacionais e estrangeiros, proibindo o exercício a quem não tivesse a habilitação legal.

Nos cursos do Hospital de Todos-os-Santos tinham-se criado cadeiras teóricas e práticas em que se ensinava a Anatomia, Operações cirúrgicas, Obstetrícia, Higiene, Patologia Geral, Patologia Cirúrgica e Terapêutica. A prática era consideravelmente desenvolvida, aproveitando-se o material enorme que o Hospital e especialmente o seu Banco oferecia ao estudo. Principalmente com Manuel Constâncio institui-se a prática de autopsiar os doentes que morrem nas enfermarias destinadas ao ensino e de verificar no cadáver as lesões que correspondem às doenças observadas. E assim se formaram sob a direcção dos grandes mestres Manuel Constâncio, Filipe José de Gouveia e António de Almeida grande quantidade de práticos, que aos conhecimentos anatómicos muito minuciosos juntavam uma pericia clinica que importava muita observação e estudo.

Nos hospitais militares de Chaves, Pôrto, Elvas e Tavira estabeleceram-se escolas práticas de cirurgia, nas duas primeiras das quais o ensino tomou notável desenvolvimento.

Em 1808 criava-se a Escola de Cirurgia da Baía e a Escola Anatómica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, que em 1813 foi alargada de maneira a poder instruir eficazmente muitos práticos.

No meado do século XVIII começou a sentir-se em Portugal, onde a reforma da Universidade já tinha sido toda inspirada na obra de Boerhaave, a influencia das escolas práticas de Londres e das Universidades de Edimburgo, da Dinamarca e Países Baixos. Os livros de Jacob de Castro Sarmiento, Ribeiro Sanches e Schetti Barbosa foram os principais transmissores desta influencia benéfica, que ao mesmo tempo se fazia sentir nos nossos clínicos que saíam do País e ainda nos que cultivavam as sciências fisico-químicas e naturais. À Inglaterra íamos buscar muitas drogas medicinais, instrumentos de fisica e de cirurgia e muitos livros, parte dos quais foram traduzidos e contribuíram eficazmente para a illustração dos nossos médicos e ainda mais dos cirurgiões.

As missões ao estrangeiro de que foram encarregados os Drs. Vicente Navarro de Andrade e Heliodoro Jacinto de Araujo Carneiro pouco proveito deram, mas já não sucedeu o mesmo às que promoveu o intendente Pina Manique, mais tarde Manuel Constâncio e por fim frei Francisco de S. Luís. Foram vinte e tantos os alunos ou cirurgiões já habilitados no País que foram mandados a Londres, Edimburgo e a Copenhague seguir os cursos que ali havia nos hospitais e Universidades, habilitando-se por forma a voltarem a ser clínicos abalisados e mestres doutos, que foram os principais transmissores dos progressos realizados naquelas nações.

A estes vieram juntar-se os médicos e cirurgiões que por motivos políticos tinham emigrado para Inglaterra e França e ainda os numerosos práticos ingleses que, vindo a Portugal por efeito das invasões francesas, aqui permaneceram, alguns por muitos anos, ao serviço do exército.

Houve neste tempo um funcionário público, o intendente de policia Diogo Inácio de Pina Manique, que por si valeu mais do que a criação de muitos serviços públicos, interessando a Higiene, a Medicina, a Assistência, a Medicina Legal e a Demografia. Além da criação da Casa Pia para recolher e educar as crianças órfãs e desamparadas, dando trabalho aos vagabundos e aos presos, combatendo a mendicidade, promovendo a agricultura e a colonização dos incultos, o abastecimento dos géneros alimentícios e a sua fiscalização sanitária, a abertura de ruas, a sua limpeza, iluminação, arborização e policiamento, combatendo os charlatães e a venda ilícita de medicamentos, regulamentando a prostituição, criando para as meretrizes asilos de regeneração pelo trabalho e a sua fiscalização sanitária (1781), determinando recenseamentos e estatísticas obituárias, organizando a assistência domiciliar aos pobres, para o que dividiu a cidade em dezasseis distritos servidos cada um por um clínico ali residente, montando o serviço em Lisboa e no Pôrto de socorros aos asfixiados e afogados, mandando fazer autópsias e exames médico-legais nos casos de crimes e de mortes súbitas, prestou relevantíssimos serviços que permitem afirmar que a ninguém, leigo ou técnico, deve Lisboa o que deve a êste homem.

Mas os seus serviços à Medicina e às suas aplicações não foram só estes. Criou em Lisboa o Colégio de S. Lucas, onde os tutelados da Casa Pia se preparavam para o estudo de várias sciências e para o comércio, mantendo entre outras cadeiras as de Anatomia teórica (a prática ia ser aprendida no Hospital de S. José) de Partos, freqüentada por cirurgiões e parteiras, e de Química e Farmácia, encarregando M. J. Henriques de Paiva de escrever o respectivo compêndio. Daqui saíram muitos médicos e cirurgiões que se espalharam por todo o País e alguns ainda foram para as colónias.

Em Coimbra fundou e manteve o Colégio de S. João de Deus, donde os religiosos desta ordem saíam para a Universidade a habilitarem-se em Medi-

cina e Cirurgia e o Colégio de Ciências Naturais, onde se recolhiam e instruíam outros candidatos à vida clínica; em 1789 tinha nestas casas quarenta e três pupilos da Casa Pia. A tudo isto juntem-se os subsídios aos seus tutelados que mandava às escolas e hospitais de Inglaterra e da Dinamarca.

Mas como se tudo isto fôsse pouco, Pina Manique tomou a si o encargo do antigo município de Lisboa, exercendo a vigilância e providenciando contra a invasão do País pelas pestilências exóticas, sendo sobretudo notáveis as suas determinações em 1782, 1784, 1800 e 1804. O combate das epidemias indígenas foi também inteligente, denodado e efficacissimo. Tendo conhecimento do aparecimento em qualquer ponto do País duma doença epidémica, Pina Manique dispunha tudo por forma que, apesar da dificuldade das comunicações, poucos dias depois estavam no local invadido médicos, cirurgiões, enfermeiros, remédios, géneros alimentícios, camas, etc. Assim fez nas epidemias de 1780, 1781, 1782, 1789, 1790-91, 1794, 1795, 1797, 1799, 1801-806.

Nada dêste grandioso trabalho tinha feito o intendente geral de polícia que o precedeu, nem o que se lhe seguiu. Foi só êle, o grande, o inigualável ditador sanitário, que tam bem soube compreender as necessidades da sua terra e remediá-las com a maior inteligência, propósito e eficácia.

Além das epidemias acima referidas registaram-se outras em 1750, 1754, 1760, 1765, 1768, 1770, 1772, 1775-76, 1778, 1780-82, 1786, 1791-92, 1794, 1797, as que acompanharam e seguiram as invasões francesas, 1814-19, 1821 e 1823.

Merecem registo as providências tomadas pela Junta de Saúde Pública sobretudo para impedir a entrada das pestilências exóticas, consignadas na *Colecção dos Regimentos* (1819) e as *Instruções para os guardas de Saude a bordo* (1821).

Em Espanha, revivendo uma tradição antiga da Galiza, começava-se a fazer a variolização como meio preventivo das bexigas no último quartel do século xviii. Em Portugal, onde a mesma prática existira noutros tempos nas províncias do Minho, Trás-os-Montes e Beira Alta, foi superiormente ordenado em 1796 que se fundasse um hospital para esta aplicação, estabelecimento que funcionou sob a inspecção de Pina Manique até 1799. Algumas pessoas e nomeadamente o conde da Cunha praticavam também a variolização. Em 1799 fizeram-se em Lisboa as primeiras vacinações.

Na Madeira as primeiras variolizações fizeram-se em 1770 e as primeiras vacinações em 1803; nos Açôres a inoculação de vacina começou em 1807; no Brasil a variolização foi praticada desde o fim do século xviii pelo cirurgião Francisco Mendes Ribeiro de Vasconcelos e há a tradição de que pouco depois um religioso começou a vacinar, sendo certo que a inoculação com vacina enviada de Lisboa só se fez a partir de 1804; na nossa África fez-se variolização nos primeiros anos do século xix, mas a vacina só conseguiu ali

chegar com eficácia muito tarde; na Índia portuguesa entrou em 1802 e em Macau em 1805. Devem registrar-se os esforços empregados pela Universidade de Coimbra para propagar esta prática e os valiosos serviços prestados pela Academia Real das Ciências de Lisboa com a sua Instituição Vacínica que só por si e desajudada dos poderes públicos foi o agente mais poderoso para fazer conhecer em todo o País a nova prática profilática.

Esta agremiação teve a mais proveitosa influência na educação médica do nosso País, principalmente até o meado do século XIX, não só por este serviço vacínico, mas por ter contribuído em muito para os estudos das ciências naturais (fundação do Instituto Mainense), da estatística e demografia, pelas numerosas e valiosas memórias sobre assuntos médicos, e entre elas as que representavam os primeiros trabalhos de valor sobre as águas minerais, pelas providências e instruções populares na iminência de invasões pestilenciais, pelos prémios que instituiu para promover o estudo dos mais importantes problemas de higiene, patologia e terapêutica, pelas relações que estabeleceu com academias e homens de ciência, que tinham voz preponderante nestes assuntos e por ter constituído um alto tribunal, tanto mais valioso, quando até o terceiro quartel do século XIX não existia nenhuma sociedade médica em exercício, onde se tratassem os problemas de profilaxia, assistência e medicina social que em Portugal exigiam rápido e cuidadoso estudo e resolução.

Só em 1822 se fundou a primeira Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, que no ano seguinte teve de dissolver-se por efeito da agitação política que dividia o País.

Deve registrar-se também como tendo importância real para a educação dos futuros médicos a instituição da Escola Politécnica e a criação do ensino da Física e da Química na Casa da Moeda (1824).

Deve assinalar-se neste período a acção benéfica que tiveram os tradutores de numerosas obras de medicina e os periódicos como o *Jornal Encyclopedico*, o *Investigador Português em Inglaterra*, *Os Annaes das Sciencias, Artes e Letras* e sobretudo o *Jornal de Coimbra*.

A Casa da Suplicação e depois a Relação contrataram médicos e cirurgiões privativos, que, além de tratarem os membros destes tribunais, eram chamados muitas vezes para servir como peritos nos casos a julgar.

No século XVIII os juizes do crime começaram a convocar regularmente os clínicos hospitalares e civis para colectivamente darem parecer nos casos médico-legais.

No século XVIII os boticários estrangeiros, que já antes tinham vindo estabelecer-se em Portugal, apareceram em maior número e os remédios secretos invadiram o País. No primeiro quartel do século seguinte começou-se a leccionar officiosamente Farmácia na botica do Hospital de S. José.

Na capital as parteiras começaram a ser postas de parte, recorrendo-se aos cirurgiões que tinham ido habilitar-se na Inglaterra e Dinamarca.

Foram os seguintes os principais médicos e cirurgiões que exerceram a sua actividade nesta época:

JACOB OU HENRIQUE DE CASTRO SARMENTO, judeu, que nasceu em Bragança em 1691 e se formou em Coimbra em 1717, exerceu clínica em Beja, donde passou a Lisboa, e em 1721 partiu para Londres, onde ficou até morrer em 1760. Foi ali clínico afamado, sendo admitido no Colégio Real dos Médicos e na Real Sociedade de Londres e recebendo a distinção do doutoramento na Universidade de Aberdeen. Muito erudito, deixou muitas obras religiosas, uma *Teoria verdadeira das marés* (1737), a tradução com notas das obras filosóficas de Francisco Bacon (1731), *Dissertatio in novum tutum ac utilem methodum inoculationis, seu transplantationis variolarum* (1721), *Specimen da primeyra parte da Materia Medica* (1731), *Materia Medica phisico-histórico-mechanica* (1735), *Tratado das operações de cirurgia* (1746) e outros livros e opúsculos, além de vários artigos em publicações periódicas, referentes a assuntos de hidrologia, matéria médica, etc. Os seus escritos contribuíram muito para a instrução dos práticos portugueses no século XVIII.

ANTÓNIO NUNES RIBEIRO SANCHES, judeu, que nasceu em Penamacor em 1699, estudou Filosofia e Medicina em Coimbra, doutorando-se em Salamanca. Exerceu clínica na Guarda e Lisboa e foi médico do partido em Benavente. Saindo do País esteve em Londres, Montpellier, Marselha, e por fim foi para Leyde seguir os cursos do grande Boerhaave, que muito se lhe afeiçoou, indicando-o para ir para a Rússia, quando a imperatriz lhe pediu lhe enviasse três dos seus discípulos. De 1731 a 1743 ali se conservou, tendo grande fama como clínico, servindo no exército e na Côrte como médico da regente e do seu filho. Foi sócio da Academia Real de S. Petersburgo, da Academia das Ciências de Paris e da de Lisboa. Em 1747 veio para Paris onde faleceu em 1746. Foi amigo de muitos sábios ilustres do seu tempo que viviam na Rússia, Alemanha, Países Baixos, Inglaterra, Portugal e França, figurando entre estes últimos os autores da Enciclopédia, em que colaborou. Além de muitos manuscritos que deixou inéditos e de relatórios, publicou muitos artigos em jornais e revistas e *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne* (1765), *Examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe* (1774), *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1775), em que compendiou tudo que os higienistas ingleses tinham produzido até então, *Cartas sobre a educação da mocidade* (1760), *Methodo para aprender e estudar a medicina* (1763) e *Observations sur les maladies vénériennes* (1785). Duma erudição rara, foi um polígrafo notável, revelando conhecimentos vastos sobre administração pública, economia e agricultura, além

de ser um patologista de grande merecimento, conhecendo como poucos do seu tempo as diferentes formas da heredo-sífilis e tendo grande e ilustrada prática não só das afecções médicas, como cirúrgicas. Convicto higienista, com vastos conhecimentos de sciências físico-químicas e naturais, era também e acima de tudo um pedagogo, um educador e o que a êste respeito aconselhou aos governantes da sua pátria constitui só por si um título de glória e de benemerência.

JOÃO MENDES SACHETTI BARBOSA nasceu em Estremoz em 1714, formou-se em medicina em Coimbra, exerceu clínica no Alentejo e depois fixou-se em Lisboa em 1755. Foi sócio da Academia Real de Londres e da Real Academia Médica de Madrid, médico do paço, fisico-mor do exército em 1762 e clínico de grande nomeada e muita erudição, publicando *Cartas em que se dá noticia da origem e progresso das sciências* (1751) e *Considerações Médicas sobre o modo de conhecer, curar e preservar as epidemias* (1758), e deixou muitos manuscritos que se perderam.

JOSÉ RODRIGUES DE ABREU nasceu em Évora em 1682, formou-se em Coimbra, estabeleceu-se em Lisboa e foi fisico-mor das armadas, fidalgo e médico da casa real e morreu depois de 1752, publicando *Luz de cirurgias embarcadiços* (1711) e *Historiologia Médica* (1723).

LUÍS GOMES FERREIRA nasceu em S. Pedro de Rates e, depois de se habilitar como cirurgião no Hospital de Todos-os-Santos, teve carta de cirurgia em 1705. Exerceu a clínica em Vila do Conde e foi para o Brasil cêrca de 1725, voltando vinte anos depois e estabelecendo-se no Pôrto. Deixou o *Erário mineral* (1735).

JOSÉ CORREIA PICAÑO nasceu no Recife de Pernambuco em 1745, estudou cirurgia no Hospital de Todos-os-Santos, tendo carta em 1765, indo aperfeiçoar-se em Paris em 1767; voltando ao continente foi ensinar na Universidade de Coimbra. Clínico afamado, foi cirurgião-mor, fidalgo, primeiro cirurgião da real câmara. Foi em 1807 para o Brasil e aí promoveu no ano seguinte a criação da Escola de Cirurgia da Baía. No Brasil faleceu em 1824, deixando *Ensaio sobre o perigo das sepulturas nas cidades* (1812).

FRANCISCO TAVARES nasceu em Coimbra, onde se formou em Medicina, vindo a ser professor na mesma Universidade, passando mais tarde para Lisboa, onde serviu como médico da real câmara, e aqui faleceu em 1812. Além de ter sido o principal redactor da *Farmacopeia Geral do Reino* (1794), publicou muitas obras, entre as quais *Medicamentorum sylloge* (1787), *Instruções e cautelas praticas sobre as aguas minerais* (1810), *Farmacologia novis recognita curis* (1809) e *Manual de gotosos e de reumáticos* (1810).

MANUEL DE SÁ MATOS nasceu em Castro Daire, praticou cirurgia na vila de Alva e teve carta de cirurgia em 1762. Foi cirurgião das carreiras do Brasil e depois veio estabelecer-se no Pôrto, onde gozou da fama de bom clínico,

sendo aí facultativo da câmara e da saúde e cirurgião militar. Publicou a *Bibliotheca elementar chirurgico-anatomica* (1783).

FILIFE JOSÉ DE GOUVEIA foi cirurgião afamado e mestre de operações no Hospital de Todos-os-Santos e serviu nos hospitais militares; foi clínico do infante D. Manuel, que o mandou estudar a Paris. Faleceu em 1776, deixando *Oração inaugural do primeiro curso de operações cirurgicas* (1762) e *Tratado de aparelhos e ligaduras*, traduzido do francês (1766).

MANUEL CONSTANCIO nasceu em 1726 nas Sentieiras (Abrantes), estudou no Hospital de Todos-os-Santos e teve carta de cirurgia em 1758. Exerceu clínica em Lisboa e foi professor de Anatomia no Hospital de S. José, sendo considerado o primeiro anatómico português, cujo ensino preparou grande número de cirurgiões, alguns dos quais foram depois afamados mestres. Serviu no exército, foi cirurgião da real câmara e clínico afamado, valendo-se do seu prestígio para que fôsem mandados estudar em Inglaterra alguns dos seus discípulos. Faleceu em 1817, deixando manuscrita *Anathomia a mais correcta, collida de varios authores* (1780).

ANTÓNIO DE ALMEIDA (cirurgião) nasceu em Sarrazes, Viseu, cêrca de 1761, estudou cirurgia no Hospital de S. José e depois seguiu o curso dos hospitais de Londres. Foi cirurgião e professor de operações no Hospital de S. José e clínico de grande nomeada. Foi cirurgião da real câmara e membro do Real Colégio dos Cirurgiões de Londres. Faleceu em 1822, deixando além doutras obras *Dissertação sobre o methodo mais simples e seguro de curar as feridas das armas de fogo* (1797), *Tratado completo de medicina operatoria* (1800), *Tratado da inflamação* (1812), *Discurso sobre a arte de curar* (1815), *Reflexões sobre as observações do Dr. Andrew Holliday* (1812).

ANTÓNIO DE ALMEIDA (médico) nasceu em Coimbra em 1764 e formou-se em Filosofia e Medicina na mesma cidade, estabeleceu-se em Penafiel, obtendo o partido em 1791. Apresentou às Côrtes de 1821 e 1822 várias memórias. Era sócio correspondente da Academia Real das Sciências, que nas suas memórias incluiu muitos escritos seus e publicou além doutras obras *Historia da febre que grassou na cidade de Penafiel em 1791 e 1792* (1792). Faleceu em 1839.

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO nasceu em Aguim em 1769, estudou Medicina em Coimbra, onde foi lente, gozando de grandes créditos. Foi physico-mor do exército e primeiro médico de D. João VI e o principal redactor do *Jornal de Coimbra*. Faleceu em 1827.

FRANCISCO SOARES FRANCO nasceu em Loures em 1772, formou-se na Universidade de Coimbra, onde foi lente afamado. Foi médico da real câmara, director do Hospital Militar do Castelo, deputado às Côrtes de 1821 e 1826, presidente do Conselho de Saúde do Exército e membro da Academia Real

das Ciências de Lisboa. Faleceu em 1844, deixando, além de muitas obras literárias, políticas, de agricultura e sobre outros assuntos, *Elementos de Anatomia* (1818) e duas memórias sobre medicina, colaborando também na *Pharmacopea Lusitana* (1841).

CARLOS JOSÉ PINHEIRO nasceu em Vila Rica (Minas Gerais), formou-se em Medicina em Coimbra, onde foi professor afamado. Foi sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, à qual apresentou três memórias. Faleceu em 1844, deixando *Inventario das peças e preparados conteudos no theatro anatomico* (1829), *Relatorio da epidemia de Aveiro* (1833), duas memórias na *Gazeta Médica do Pôrto* e *Elenchus lectionum Anatomies, artis obstetriciæ, operationumque chirurgicarum* (1831).

JOSÉ BENTO LOPES nasceu no Pôrto e formou-se em Coimbra, exercendo a clínica naquela cidade. Morreu em 1800, deixando a tradução do compêndio escrito em latim por Caetano José Pinto de Almeida, *Primeiros elementos de cirurgia therapeutica* (1796), *Observações sobre a cura da gonorrhœa virulenta* (1794) e o *Anno Medico* (1792).

MANUEL JOAQUIM HENRIQUES DE PAIVA nasceu em Castelo Branco em 1752, doutorou-se em Coimbra, onde foi lente de Filosofia. Ensinou Farmácia em Lisboa e na Baía. Foi fidalgo e médico da câmara real, deputado da Junta do Proto-Medicato, censor régio e sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa e de muitas academias estrangeiras. Morreu em 1829. Duma grande erudição, publicou grande quantidade de traduções e promoveu a publicação de muitos trabalhos doutros autores. Deixou, além de muitas memórias publicadas em periódicos e revistas, *Dissertatio Medica de actione vesicantium* (1776), *Elementos de Chimica e Pharmacia* (1783), *Pharmacopea Lisbonense* (1785), muitos *Avisos sobre mortes aparentes, envenenamentos, higiene da infância e outros*, *Memorias de Historia Natural, de Chimica, Agricultura, Artes e Medicina* (1790), *Curso de Medicina theorica e pratica* (1792), *Reflexões sobre a comunicação das enfermidades contagiosas por mar* (1803), *Preservativo das bexigas* (1806), *Bosquejo de Physiologia* (1803), *Pharmacopea naval* (1807) e outros trabalhos de medicina e higiene.

JERÓNIMO JOAQUIM DE FIGUEIREDO nasceu em Muxagata em 1772 e doutorou-se em Coimbra, onde foi lente de Medicina. Faleceu em 1825, deixando *Flora pharmaceutica e alimentar* (1825).

FRANCISCO JOSÉ DE ALMEIDA nasceu em Lisboa em 1755 e doutorando-se em Leyde veio exercer a clínica em Lisboa. Foi primeiro médico do rei, censor régio, sócio da Academia Real das Ciências, membro da Junta de Saúde e afamado clínico. Teve a mercê da baronia de Almeida. Exerceu várias comissões de serviço público. Morreu em 1804, deixando o *Tratado da educação physica dos meninos* (1791) e um importante manuscrito *Ordenanças de policia de saude nos portos*.

JOSÉ PINHEIRO DE FREITAS SOARES nasceu em Águeda em 1769, formou-se em Coimbra, foi médico do partido de Aveiro e depois estabeleceu-se em Lisboa, onde foi físico-mor do reino, censor régio, membro da Junta de Saúde, sócio da Academia Real das Ciências e clínico afamado. Faleceu em 1831, deixando *Tractado de policia medica* (1818), *Memoria sobre a preferencia do leite de vacas ao de cabras* (1812), *Memoria acerca do estado em que se acha o mercurio nos unguentos* (1814), *Memoria na qual se trata da utilidade, nobreza da Medicina e consideração dos medicos* (1831) e *Memoria acerca das qualidades e deveres do medico* (1831).

BERNARDINO ANTÓNIO GOMES (pai) nasceu em Santa Maria de Paredes em 1768, formou-se em Coimbra, exerceu clinica em Aveiro e depois foi nomeado médico da armada. Foi fidalgo e médico da câmara, membro da Junta de Saúde, sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa e um dos membros mais prestimosos da Instituição Vaccínica. Descobriu o primeiro alcalóide, a cinchonina. Era duma vastíssima erudição e tinha grande tato clinico. Faleceu em 1823, deixando uma obra vastíssima, compreendendo valiosos trabalhos de Matéria Médica, Botânica, Higiene, Patologia, Medicina Militar e sobre outros assuntos. Citaremos apenas *Memoria sobre a Ipecacuanha* (1801), *Observações botanico-medicadas sobre algumas plantas do Brasil* (1803), *Methodo de curar o tyfo* (1806), *Ensaio sobre o cinchonino* (1812), *Recopilação historica dos trabalhos da Instituição Vaccínica* (1812), *Conta annual da Instituição Vaccínica* (1813), *Memoria sobre as boubas* (1815), *Memoria sobre a desinfecção das cartas* (1815), *Ensaio dermosographico* (1820), *Memoria sobre os meios de deminuir a Elephantíase em Portugal* (1821), *Carta aos Medicos portugueses sobre a elephantíase* (1821), *Memoria sobre a virtude taenifuga da romeira* (1822), *Cartas sobre as virtudes antelminticas da casca de raiz da romeira* (1822).

FRANCISCO ELIAS RODRIGUES DA SILVEIRA nasceu na Baía em 1778, formou-se em Coimbra e veio estabelecer-se em Lisboa, onde foi clínico de grandes créditos. Foi médico da real câmara, sócio da Academia Real das Ciências e teve o título de barão da Silveira. Morreu em 1864, tendo publicado *Conta dos trabalhos da Instituição Vaccínica* (1815), *Da dedaleira e suas propriedades medicadas* (1815), *Do Empirismo na Medicina* (1821), *Discurso historico acerca dos trabalhos da Instituição Vaccínica* (1825).

JOAQUIM JOSÉ DE SANT'ANA, natural de Lisboa. Saindo do reino habilitou-se como oftalmologista, sendo nomeado para reger esta cadeira no Hospital de S. José em 1783. Foi clínico de boa fama e médico do número da casa real. Faleceu em 1814 e publicou *Elementos de cirurgia ocular* (1793).

JOÃO NUNES GAGO, natural de Tavira, foi médico da Misericórdia em Lisboa, sendo sócio da Academia Real das Ciências; retirou-se depois para a sua terra, onde foi delegado do Proto-Medicato, e serviu no Hospital Militar

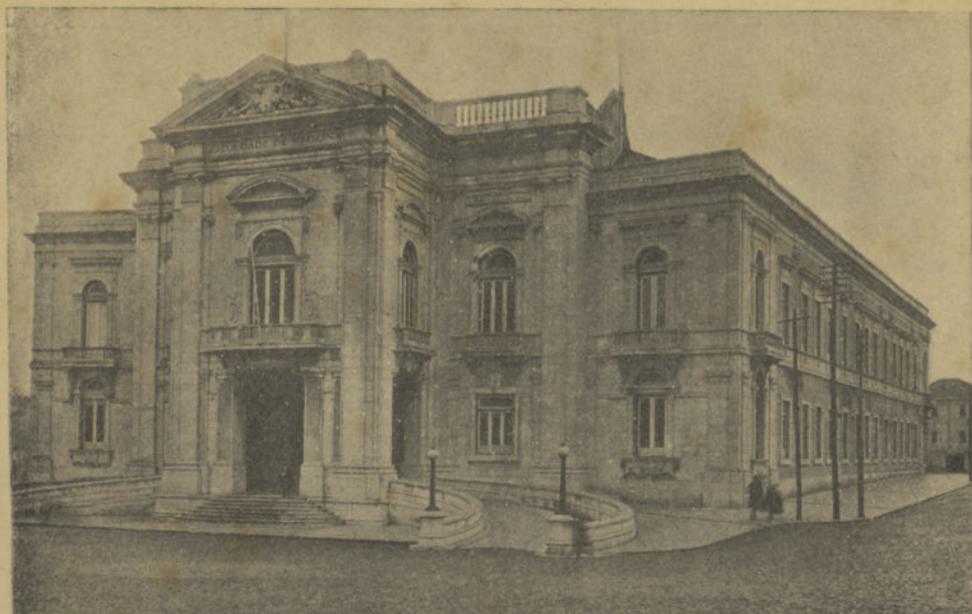
em 1814. Deixou várias memórias manuscritas sôbre águas minerais e publicou uma notícia sôbre os casos de lepra observados no Algarve (1813) e *Tratado physico-chymico-medico das águas das Caldas da Rainha* (1781).

JACINTO DA COSTA nasceu em Tomar em 1776, era cirurgião da armada e chegou a ser chefe e director do Hospital da Marinha. Teve carta de Medicina em 1818 e foi cirurgião do número da casa real. Teve grande nome como parteiro. Morreu cêrca de 1856 e publicou *Novo tratado das feridas feitas com armas de fogo* (1810), *Elementos geraes de cirurgia medica, clinica e legal* (1813), *Tratado completo de cirurgia obstetricia* (1815), *Pharmacopéa naval e castrense* (1819) e *Projecto de estatutos de cirurgia* (1821).

HENRIQUE XAVIER BAETA nasceu em Salvaterra em 1766, estudou Filosofia em Coimbra e doutorou-se em Medicina em Edimburgo, voltando em 1800 para Lisboa, onde exerceu clinica. Em 1820 foi deputado às Côrtes, sendo reeleito em 1834. Morreu em 1854. Publicou *De Typho* (1800), *Comparative View of the Theories & Practice of Drs. Cullen, Brown and Darwin* (1800), *De Febribus Intermittentibus* (1800), *Analysis of the first section of Mr. Brown's observations* (1800), *Resumo do systema de medicina e tradução da Materia Medica do doutor Erasmo Darwin* (1806), *Memoria sobre a febre epidemica contagiosa que grassou em Lisboa de 1810 a 1811* (1812).

JOSÉ ERNESTO DA CUNHA estudou Medicina em Londres e Aberdeen e foi membro do Colégio dos Médicos daquela cidade. Estabeleceu-se no Pôrto antes do fim do século XVIII e ali gozou fama de grande clínico, executando muitas operações, principalmente a da talha, que modificou. Foi cirurgião do Hospital da Misericórdia até 1821.

Predominaram neste periodo primeiramente a *Escola Flamenga* e depois a *Escola Inglesa*.



FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA

QUINTO PERÍODO

(1825 — 1900)

EM 1825 CRIARAM-SE AS RÉGIAS ESCOLAS DE CIRURGIA de Lisboa e do Pôrto por iniciativa e sob a direcção do benemérito Teodoro Ferreira de Aguiar. O curso da de Lisboa, inaugurado a 27 de Setembro, compreendia o estudo da Anatomia, Fisiologia, Matéria Médica, Farmácia, Higiene, Patologia Externa, Terapêutica, Arte Obstetrícia, Medicina Operatória, Clínica Cirúrgica, Patologia Interna e Clínica Médica, matérias distribuídas por cinco anos. No programa, também devido a Aguiar, previa-se o ensino prático muito desenvolvido. Foi muito grande a afluência de alunos a êste curso, que tanto em Lisboa como no Pôrto fôra encarregado a professores doutos e experimentados e clínicos da Escola prática do Hospital de S. José, que na maior parte tinham a preparação teórica devida e muito tinham aprendido fora de Portugal. Começaram a redigir-se os compêndios, e as traduções dos tratados estrangeiros, já tam numerosas no fim do século XVIII e principio do XIX, publicaram-se em grande número.

A Academia Real das Ciências deu grande impulso às memórias sôbre Higiene e Medicina, e fundou o Instituto Mainense (1855), onde se profes-

savam as ciências naturais; a Sociedade das Ciências Médicas renasceu em 1835 e começou a publicação do seu *Jornal*. Foi criado o Conselho de Saúde Pública por Passos Manuel (1837).

Os hospitais civis, que tinham tido tam grandes melhoramentos principalmente nos governos de D. Francisco de Almeida de Melo e Castro e do Principal Câmara, sofreram grandes modificações nos seus serviços. O Hospital de Coimbra e o da Misericórdia do Pôrto também tinham sido muito melhorados. Em Lisboa fundara-se o Hospital da Marinha (1806) e instalara-se de novo o Hospital Militar da Estréla (1834).

Em 1845 planeia-se a fundação de uma Escola Prática de Medicina e Cirurgia em Cabo Verde, Moçambique e Angola, que só se realizou nesta província, e dois anos depois transforma-se o ensino rudimentar que havia no hospital de Nova Goa, criando-se a Escola Médico-Cirúrgica desta cidade.

Em França estava em todo o seu esplendor a escola em que brilhavam sobretudo Corvisart e Laennec; começava o grande trabalho de separar e individualizar as espécies mórbidas, fazer a sua história natural, relacionar os sinais observados com as lesões reveladas pela autópsia, empregar os novos meios de observação clinica e por êles *ver* no individuo vivo o que se passa nos diferentes aparelhos. A Paris afluíam alunos e médicos de todo o mundo a renovar ou fazer de novo a sua educação clinica e Portugal ali mandou muitos dos seus filhos, que a partir de 1830 vinham chegando em grande número, devidamente instruídos e apetrechados.

Promulgou-se a reforma dos estudos médicos de 1836, devida principalmente a Bernardino António Gomes, filho, pela qual as antigas Régias Escolas se transformaram nas Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Pôrto. Esta reforma, além de muitas vantagens para o ensino, acabava de vez com a distinção entre médicos e cirurgiões, preparando clínicos aptos para exercerem todas as funções que antigamente se repartiam por aqueles grupos. Ao mesmo tempo decretou-se a criação das Escolas Médico-Cirúrgicas do Funchal (1837) e de Ponta Delgada.

Além das endemias de impaludismo, carbúnculo e raiva (a lepra tinha deminuído consideravelmente), houve epidemias de variola, sarampo, escarlatina, gripe, meningite cérebro-espinal, febre tifóide, tifo exantemático, difteria, tosse convulsa e outras em 1825, 1827, 1829, 1833, 1836-37, 1840-41, 1844-48, 1850-51, 1853, 1857-61, 1864-65, 1869, 1873, 1877, 1881, 1884, 1887-90, 1893-94, além das de cólera em 1833, 1853-56, 1865 e de febre amarela em 1850-51, 1856-58 e 1860.

Devem registrar-se os trabalhos da Academia Real das Ciências e sobretudo da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa sôbre assistência hospitalar e civil, higiene urbana e rural, combate das endemias e epidemias indígenas e exóticas e outras questões importantíssimas de medicina social,

estudos que orientaram os governos e os municípios e promoveram muitos melhoramentos e reformas neste campo.

Em 1892 fundou-se o Instituto Bacteriológico Câmara Pestana por instâncias dêste ilustre e benemérito professor, patrocinado pela rainha Senhora D. Amélia, que fundou também o Dispensário para crianças em Alcântara (1894) e a Assistência Nacional aos Tuberculosos (1899). Na mesma ocasião fundou-se a Liga Nacional contra a Tuberculose, que durante mais de três anos fez intensa propaganda de higiene.

Quanto a higiene internacional assinou o nosso País convenções em 1866, 1874 e 1897, sendo digno de maior louvor o trabalho que nos respectivos congressos, realizados em Constantinopla, Viena, Genebra e Veneza, tiveram Bernardino António Gomes, filho, José Tomás de Sousa Martins e Silva Amado.

Representam grande progresso as leis de saúde de 1837, 1844, 1846 e 1868, o *Regulamento de Quarentenas* de 1860 e a Reforma do Município de Lisboa de 1885, na parte que diz respeito à higiene e assistência. A organização dêstes serviços, que êste diploma consigna, é modelar e fazia honra à pessoa ainda hoje desconhecida que sugeriu a Fuschini, o autor da reforma, as suas sábias e previdentes disposições que, se tivessem sido devida e permanentemente executadas, muito teriam concorrido para o progresso sanitário, tanto da capital como dos agrupamentos urbanos em que fôsem applicadas.

Devem registrar-se a abertura do Instituto Vacínico em Lisboa (1869) e as primeiras inoculações de *cow-pox* em vitelas, feitas no mesmo ano pelo veterinário Eleutério de Sousa, que no ano seguinte começou o serviço regular de preparação de vacina animal.

Em 1876 publicou-se a *Pharmacopeia*, organizada por uma comissão que teve como relator Sousa Martins.

Em 1835 fundara-se a Sociedade Farmacêutica Lusitana, e depois da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa as mais importantes agremiações médicas foram a Sociedade União Médica do Pôrto (1881-1901), Sociedade de Medicina e Cirurgia do Pôrto (1897-1901) e a Associação dos Médicos Portugueses (1898 até hoje), sendo digno de nota que outras agremiações contribuíram também para o progresso da medicina, como foram a Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha, O Instituto de Coimbra, cujo órgão na imprensa contém muitas memórias de interêsse e valor, e a Sociedade de Geografia de Lisboa, cujo *Boletim* é digno de consulta pelos muitos relatórios e estudos, relativos à medicina e higiene das nossas colónias, que contém, assim como pelas actas e relatórios dos congressos que tem promovido.

Dos periódicos de medicina que nesta época se publicaram são mais notáveis os *Annaes do Conselho de Saude do Reino* (1838-42), *Jornal da*

Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa (1835-1929), *1.ª Gazeta Medica do Porto* (1842-53), *Jornal dos Facultativos Militares* (1843-49), *O Escho-liaste Medico* (1851-69), *Revista Medica de Lisboa* (1844-46), *Jornal de Pharmacia e Sciencias Acessorias de Lisboa* (1848-1902), *Jornal de Pharmacia e Sciencias Acessorias do Porto* (1857-74), *Gazeta Medica de Lisboa* (1853-83), *2.ª Gazeta Medica do Porto* (1860-61), *Archivo de Pharmacia e Sciencias Acessorias da India Portuguesa* (1864-71), *O Correio Medico de Lisboa* (1871-96), *Gazeta dos Hospitaes Militares* (1877-84), *Estudos Medicos* (1878-81), *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa* (1876-89, 1894-96 e 1910-23), *Coimbra Medica* (1881-90), *Revista de Medicina Militar* (1886-90), *A Medicina Moderna* (1894-1923), *Revista de Medicina e Cirurgia Practicas* (1894-1905), *Gazeta Medica do Porto* e o *Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia* (1897-1902).

Durante êste periodo deu-se um grande progresso na Cirurgia devido às descobertas da anestesia, da assepsia e dos novos processos de diagnóstico e na Medicina por efeito das conclusões tiradas pela prática da homeopatia no sentido de demonstrar a utilidade em muitos casos do método expectante, pelas descobertas da fisiologia normal e patológica, pelo emprêgo das substâncias radioactivas e principalmente, quanto aos fenómenos da nutrição, infecção e à defesa do organismo, pela aplicação dos soros e vacinas na terapêutica e profilaxia.

Todo êste avanço foi seguido de perto em Portugal sem a demora que noutro tempo havia em chegar até nós as doutrinas novas e as suas applicções, e a maneira como foram compreendidos e adoptados tais progressos honra a Medicina Portuguesa.

No último quartel do século XIX produziram-se os seguintes acontecimentos, que marcam nova era: o início entre nós dos trabalhos de laboratório, que até então estavam representados apenas pela tentativa de Costa Simões e pelos trabalhos de anatomia normal e patológica das três escolas; a separação que de novo se esboçou entre os práticos, pela maior applicação duns à clínica médica e doutros à clínica cirúrgica, assim como as especializações profissionais da oftalmologia, oto-rino-laringologia, dermatologia, neurologia, psiquiatria, urologia, obstetricia, pediatria, ginecologia, etc., a criação da Morgue (1899) e reforma dos serviços médico-legais, o estudo e applicação da hygiene do trabalho, a criação da estatística demográfica e sanitária e a discussão e estudo dos problemas da Medicina Social.

Referindo-nos apenas aos médicos falecidos antes de 1900, são os seguintes os nomes que nesta época merecem menção especial:

TEODORO FERREIRA DE AGUIAR nasceu no Rio de Janeiro em 1769, veio estudar para Coimbra, donde seguiu para França, alistando-se no serviço de

saúde do exército, indo para as Flandres, onde depois de terminada a campanha seguiu os cursos de Leyde, defendendo como tese *De vulneribus per corpora vi pulveris pyrii jacta factis amputationem exigentibus* (1797). Na volta passou por Paris, onde seguiu o curso de Desault, e chegado a Lisboa obteve a carta de Medicina. Foi cirurgião do Hospital da Marinha, delegado da Junta do Proto-Medicato, serviu nos hospitais militares, colaborando no *Regulamento* de 27 de Março de 1805. Acompanhando a família real para o Rio de Janeiro, ensinou Anatomia no Hospital Militar desta cidade e mais tarde Operações e Partos. Nomeado cirurgião da real câmara, organizou o Hospital Militar, promoveu naquela cidade a vacinação e voltou para Lisboa em 1813, exercendo aqui a clínica, sendo muito considerado. Só a êle se deve a criação das Régias Escolas de Cirurgia de Lisboa e Pôrto, que superiormente dirigiu, fazendo-lhes os programas, escolhendo-lhes os professores e os compêndios, angariando-lhes recursos e amparando-as com o maior carinho. Foi cirurgião-mor do exército e da armada, tendo recusado o cargo de cirurgião-mor do reino. Faleceu êste benemérito em 1827, deixando de luto a Medicina Portuguesa.

MANUEL CARLOS TEIXEIRA nasceu em Lisboa em 1802, estudou no Hospital de S. José, onde foi cirurgião e professor de Anatomia e Fisiologia. Notável clínico, foi o primeiro que em Portugal empregou o enterótomo de Dupuytren e que praticou a talha recto-vesical pelo processo de Sanson. Foi cirurgião da real câmara e vogal do Conselho de Saúde e publicou *Observação de huma hemorragia resultado da extirpação de hum cancro da lingua* (1835). Faleceu em 1877.

FRANCISCO SOLANO CONSTANCIO nasceu em Lisboa em 1772, estudou medicina em Londres, Edimburgo e Paris, veio para Lisboa em 1800, emigrando oito anos depois por motivos políticos; viajou muito pela Europa e América e fixou-se em Paris. De grande erudição, prestou assinalados serviços com as suas publicações literárias e científicas e com as suas traduções. Foi o redactor quasi único do *Observador Lusitano em Paris* (1815) e dos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras* (1818-1822) e traduziu o *Curso completo de cirurgia theorica e pratica* de Benjamim Bell (1804) e do inglês *Recherches sur la population et sur la faculté d'accroissement de l'espèce humaine* de William Godwin (1821). Faleceu em 1846.

FRANCISCO INÁCIO DOS SANTOS CRUZ nasceu em Santarém em 1787, tomou o grau de bacharel em Coimbra e estabeleceu-se em Lisboa. Foi presidente do Conselho de Saúde, membro da Academia das Sciências e do conselho real. Faleceu em 1859, deixando além doutras obras *Topographia Medica de Constança* (1839), *Da prostituição da cidade de Lisboa* (1841), *Ensaio sobre a topographia medica de Lisboa* (1843-44), *Trabalhos academicos, literarios e scientificos apresentados á Academia Real das Sciencias de Lisboa* (1851),

Opinião sobre a sorte futura de Lisboa no verão de 1858 (1857) e A Febre amarella no Porto em 1856 (1858).

ANTÓNIO PEDRO CARDOSO nasceu em Lisboa em 1792, estudou no Hospital de S. José, onde foi cirurgião e ensinou Anatomia. Serviu no exército. Foi muito afamado como professor. Faleceu em 1839, deixando publicadas várias memórias.

JOÃO JOSÉ PEREIRA nasceu em Leiria em 1793, estudou no Hospital de S. José, onde serviu como cirurgião e professor de Patologia. Praticou muitas operações de grande cirurgia e foi o primeiro que executou em Portugal a litotricia e a laqueação da subclávia. Faleceu em 1848.

VICENTE JOSÉ DE CARVALHO nasceu em Setúbal em 1792, estudou no Hospital de S. José e foi exercer clínica na sua terra, donde foi chamado para ensinar Anatomia na Régia Escola de Cirurgia do Pôrto, de que foi director.

Nesta cidade exerceu clínica, sendo muito considerado principalmente pelo ensino que fazia e em que foi o mais dedicado que é possível, instituindo pela primeira vez o curso de Anatomia Topográfica, criando o Museu de Anatomia e contribuindo por todas as formas para ilustrar e exaltar o prestígio daquela Escola. Faleceu em 1851, deixando muitas memórias publicadas no *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa* e duas orações académicas que vieram à luz nos *Archivos da Historia da Medicina Portuguesa* (1915) e na *Gazeta Medica do Porto* (1849).

MANUEL JOAQUIM ALVES PASSOS era natural de Santa Maria do Outeiro e estudou na Escola do Pôrto. Foi para Braga ensinar no Liceu e exercer clínica, sendo cirurgião do Hospital de S. Marcos e ganhando grande reputação de operador. Jornalista e político entusiasta, viu-se obrigado a exilar-se. Esteve em Paris frequentando as clínicas de Nelaton e de Maisonneuve e em Roma e depois demorou-se em Espanha. Praticou muitas operações de grande cirurgia, entre elas a primeira com êxito de enterotomia (1846), e as primeiras (1855) de ressecção do maxilar superior, e realizou experiências de regeneração da vacina pela inoculação em vitelas de pus variólico. Faleceu em 1881. Publicou várias observações clínicas em revistas médicas, além de muitos artigos políticos e de polémica.

JOSÉ LOURENÇO DA LUZ GOMES nasceu em Lisboa em 1800, estudou no Hospital de S. José e na Régia Escola, foi professor distinto e operador exímio e por todos considerado o primeiro cirurgião português. Foi cirurgião da real câmara, deputado e par do reino. Faleceu em 1882 e deixou, além de muitos escritos financeiros e de polémica, numerosas memórias, observações e discursos publicados em opúsculos e em vários periódicos médicos de Lisboa.

FRANCISCO ANTÓNIO BARRAL nasceu em Lisboa em 1801, formou-se em medicina em Paris, foi médico do Hospital de S. José, professor da Régia

Escola de Cirurgia, membro da Academia Real das Ciências e fez parte de várias comissões de serviço público. Era fidalgo e médico da casa real, e teve grande clínica em Lisboa. Faleceu em 1878, deixando uma tese *Sur l'empoisonnement par les substances végétales* (1826), *Relatorio sobre uma viagem de estudo* (1853), *Noticia sobre o clima do Funchal* e vários relatórios e memórias publicados no *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas*, *Gazeta Medica de Lisboa* e *Memorias da Academia*.

JOAQUIM DA ROCHA MAZARÉM nasceu em Chaves em 1775, estudou no Hospital de S. José, foi cirurgião do Hospital da Estrêla, acompanhou a família real para o Rio de Janeiro, onde ensinou Anatomia, Operações e Partos e organizou o Hospital Militar. Voltando para a pátria em 1822, ensinou Operações e Partos e foi nomeado cirurgião-mor da armada. Foi cirurgião da casa real, director da Régia Escola de Cirurgia e sócio da Academia das Ciências, fazendo parte de várias comissões importantes. Faleceu em 1849, tendo publicado, além de muitas traduções de tratados franceses de medicina, *Anuario clinico da arte obstetricia* (1825-26), *Elementos de Medicina forense* (1830), *Compilação de doutrinas obstetricas* (1833), muitas observações e estatísticas de clínica obstétrica e outros artigos em revistas médicas, tendo contribuído em grande parte pelas suas lições e pelos seus escritos para o ensino obstétrico dos seus contemporâneos.

ANTÔNIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO nasceu em 1787 em Lagos, praticou cirurgia na sua terra, alistou-se no exército e andou por Portugal e Espanha e, passando para o exército de Napoleão, percorreu, além da França, a Holanda e a Alemanha. Defendeu tese em Paris em 1814 e no ano seguinte seguiu de Portugal para o Rio de Janeiro, daqui saiu para servir de físico-mor em Moçambique e depois na Índia, onde ensinou no Hospital de Goa e serviu vários cargos, tendo tido vida agitada por causa das suas ideias políticas. Voltando a Lisboa começou a ensinar Clínica Médica no Hospital de S. José e depois na Régia Escola de Cirurgia e a exercer clínica. Foi muito notável o seu ensino, principalmente por ter insistido muito nas autópsias como meio de verificár os diagnósticos, por ser muito rigoroso nas observações que fazia e publicava, por ter contribuído notavelmente na escolha dos termos portugueses que era necessário adoptar para corresponder às novas designações dos sinais mórbidos, sendo quem maior parte teve na tecnologia médica portuguesa. Abandonou a escola de Broussais, adoptando as doutrinas de Laennec e mais tarde defendeu as teorias homeopáticas. Foi vereador, deputado e senador, presidente do Conselho de Saúde, tomou parte em várias comissões relativas ao ensino e era membro de muitas associações scientificas. Faleceu em 1856. Deixou várias obras manuscritas que se perderam e publicou, além de grande quantidade de observações, discursos e memórias nas revistas médicas e de artigos políticos e de polémica na

imprensa diária, e de traduções em prosa e verso, *Dissertation sur la Péri-pneumonie simple ou inflammatoire* (1814), *Novas proposições de Medicina, Esboço sobre o colera-morbus asiatico* (1832), *Annaes de Medicina Dinamica* (1832), dois *Avisos ao povo sobre o colera* (1833 e 1834), *Metodo porque se tratão as febres intermitentes*, *Programma De hum Curso de Hygiene Publica*, *Novo invento para descobrir por meio da percussão no peito do homem as doenças dos órgãos contidos nessa cavidade*, *Manual completo de Medicina Legal* (1841), *Elementos de Patologia Geral*, tradução de Chomel (1846), *Registo Medico do Dr. Lima Leitão* (1847), *Instrução Medica, Projecto de instrução medica em Portugal*, etc.

FRANCISCO DE ASSIS E SOUSA VAZ nasceu no Pôrto em 1797, estudou Cirurgia no Hospital da Misericórdia do Pôrto e completou a sua educação em vários estabelecimentos de ensino. Foi cirurgião do Hospital e exerceu clínica civil. Foi fazer o curso de medicina em Paris, doutorando-se. Voltando para o Pôrto ocupou-se na clinica, no ensino e em numerosas comissões de serviço público. Fez grande propaganda higiênica pela palavra e pela escrita. Faleceu em 1870. Publicou *Relação historica, estatistica e medica do cholera-morbus em Paris* (1833), *Relatorio de duas operações de aneurismas* (1822), *De l'influence salutaire du climat de Madère* (1832), *Sobre a inconveniencia dos enterros nas egrejas e utilidade da construção dos cemiterios* (1835), *Da verificação dos obitos* (1845), muitos artigos e opúsculos sobre *Expostos* e vários outros artigos e memórias publicados nas revistas médicas.

BERNARDO JOAQUIM PINTO nasceu em 1795 em Gestaçô (Baião), estudou Cirurgia no Hospital de S. José, estabeleceu-se no Pôrto e na Régia Escola dessa cidade foi um prestimoso professor de Anatomia, ilustrando notavelmente o seu ensino. Faleceu em 1852.

ANTÓNIO FERREIRA BRAGA nasceu em Matozinhos em 1802, estudou Cirurgia no Hospital do Pôrto e exerceu clinica nesta cidade, sendo muito considerado. Foi lente de Patologia na Régia Escola do Pôrto e, além de vários discursos e artigos sobre medicina, publicou várias traduções de obras de Baudelocque e Lobstein e *Instituições de patologia geral medico-cirurgica* (1840).

JOSÉ PEREIRA REIS nasceu em Coimbra em 1808, estudou Medicina em Coimbra e estabeleceu-se no Pôrto, onde ensinou na Régia Escola, exerceu clinica e praticou vários actos de muita benemerência. Faleceu em 1887. Publicou, além de vários artigos insertos nas publicações periódicas, *Formulario geral* (1842), *A homoeopatia* (1852), *Codigo Farmaceutico Lusitano* (1858) e *Vade-mecum da farmacopeia portuguesa* (1879).

JOSÉ GREGÓRIO LOPES DA CAMARA SUIVAL nasceu em Lisboa em 1806 e estudou Cirurgia na Régia Escola de Lisboa, foi ensinar Obstetrícia para a Escola do Pôrto, onde prestou grandes serviços, e exerceu a clinica naquela

cidade. No último período da sua vida tomou ordens sacras. Era literato distinto. Faleceu em 1857. Além de vários discursos deixou muitos artigos e memórias sobre Obstetrícia, dignos de leitura.

BERNARDINO ANTÓNIO GOMES, filho, nasceu no Pôrto em 1806, doutorou-se em medicina em Paris depois de ter estudado em Coimbra. Emigrado político, acompanhou a expedição da Terceira, depois do que se fixou em Lisboa, sendo nomeado director do Hospital da Marinha, onde prestou, assim como no Conselho de Saúde Naval, os mais relevantes serviços, organizando estas instituições, redigindo regulamentos, relatórios e projectos de lei, entre os quais o do ensino médico nas colónias (1845), formulários e a reforma dos serviços de saúde naval (1836). Foi médico do Hospital de S. José, clínico afamado, professor de Matéria Médica e Terapêutica da Escola de Lisboa, sendo o principal promotor da reforma do ensino médico de 1836, tomou parte importante no trabalho de várias comissões, foi sócio muito prestimoso da Academia das Ciências e de muitas outras nacionais e estrangeiras, contribuiu muito para a instalação do horto botânico da Escola de Lisboa, para as reformas do ensino e exercício de Farmácia. Era fidalgo e médico da real câmara. Foi o delegado de Portugal ao Congresso Sanitário de Constantinopla em 1866. Faleceu em 1877. Publicou, além de muitos discursos, artigos, memórias, relatórios, pareceres e estatísticas insertas em revistas scientificas portuguezas e estrangeiras, *Dissertation sur les vers plats articulés* (1831), *Memoria sobre a epidemia do cholera-morbus* (1842), *Memoria historica sobre os alienados e Dos estabelecimentos de alienados* (1844), *Elementos de Pharmacologia Geral* (1851), *Lições de Electricidade e Magnetismo*, *Programa de Lições para o Curso de Materia Medica* (1851), em colaboração com o Dr. Caetano Beirão *Catalogus Plantarum Horti Botanici* (1852), *Importancia da observação microscopica na diagnose da molestia de Bright*, *Estudos urinologicos e Da pathologia da urina na molestia de Bright*, *Apontamentos para a historia da diphteria em Portugal*, além de muitas outras memórias sobre a mesma doença, *Apontamentos sobre a Historia Epidemiologica Portuguesa*, *Noticia da doença de que faleceu S. M. el-rei o sr. D. Pedro V* (1862), muitos artigos e memórias sobre higiene (hospitais, ventilação das casas, limpeza das cidades, epidemias de febre amarela e outras, vacinação, abastecimento de água, esgotos) e especificadamente *Dos melhoramentos a efectuar no serviço do esgoto e limpeza em Lisboa*, *O esgoto, a limpeza e o abastecimento das aguas em Lisboa* (1871), *Nota acerca da doença do somno*, *A instrução superior em Portugal, o ensino médico em especial*, os artigos e opúsculos de polémica sobre a Homeopatia, *Aperçu historique sur les epidémies de cholera-morbus et de fièvre jaune en Portugal* (1866), *Relatorio sobre os trabalhos da Conferencia Sanitária Internacional* (1867) e um grande número de valiosos escritos sobre Botâ-

nica, Agricultura, Matéria Médica (creosote, cravagem do centeio, bafureira, emplastro vesicatório, ópio, *digitalis* e digitalina, *welwitochia*, quininas, chinchonas), além de estudos sôbre fósseis, minerais, águas termais, apreciações críticas de obras scientificas, etc.

ANTÓNIO BERNARDINO DE ALMEIDA nasceu no Pôrto em 1813 e foi o aluno mais distinto da Régia Escola do Pôrto, onde foi afamado professor de Clínica Cirúrgica, ao mesmo tempo que exercia a clínica civil com grande brilho. Nenhum professor do seu tempo, depois de José Lourenço da Luz, teve maior merecimento no ensino da Clínica Cirúrgica, sendo muito solícito em fixar todo o movimento da sua enfermaria em vários registos médicos, deixando assim um valioso arquivo clínico. Faleceu em 1888.

JANUÁRIO PERES FURTADO GALVÃO nasceu em Penela em 1808 e formou-se em Coimbra, foi professor na Régia Escola do Pôrto, desempenhou várias comissões de serviço público e faleceu em 1857, deixando, além de vários opúsculos e artigos em revistas médicas, *Curso elementar de hygiene* (1845), *Breves considerações e conselhos praticos sobre a colera-morbus* (1848) e *Tratado elementar de medicina legal* (1855).

ANTÓNIO DA CUNHA VIEIRA DE MEIRELES nasceu em Penafiel em 1836, formou-se em Coimbra, onde veio a ser professor distinto, muito erudito e com grandes dotes literários. Faleceu em 1873. Além de vários artigos publicados em o *Instituto* deixou *Da Osteogenia* (1863) e *Memorias de epidemiologia portugueza* (1866).

TOMÁS DE CARVALHO nasceu no Pôrto em 1819 e formou-se em Paris; vindo estabelecer-se em Lisboa, foi lente de Anatomia e director da Escola Médico-Cirúrgica, deputado, membro da Academia das Sciências e de várias comissões de serviço público, enfermeiro-mor dos Hospitais e provedor da Misericórdia. Faleceu em 1897. Foi redactor de várias revistas médicas e colaborou em muitos periódicos. Grande humanista, deixou várias produções literárias em verso e prosa, na lingua latina e portuguesa. Além de relatórios, pareceres e alocações publicou *De l'ascite* (1847) e *Sobre algumas particularidades dos ossos do carpo e do metacarpo* (1861).

JOSÉ EDUARDO DE MAGALHÃES COUTINHO nasceu em Évora em 1815. Estudou na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde foi professor muito estimado de Obstetrícia. Foi clínico de fama, médico da real câmara, sócio da Academia das Sciências, director geral da instrução pública. De grande illustração e com valiosos dotes literários, colaborou em várias revistas e periódicos e além de muitos discursos, relatórios e pareceres deixou *Algumas considerações sobre a demencia e o idiotismo* (1847) e *Projecto de lei para a reforma das Escolas Medico-Cirurgicas* (1853). Faleceu em 1895.

JOSÉ FRUTUOSO AIRES DE GOUVEIA OSÓRIO nasceu no Pôrto em 1827, estudou em Coimbra, formou-se em Edimburgo e veio estabelecer-se na sua

terra natal, onde foi professor muito distinto de Higiene e Medicina Legal. Desempenhou várias comissões de serviço público, foi par do reino, muito activo propagandista da instrução e colaborou em muitas revistas e periódicos. Faleceu em 1887, e publicou, além de muitos artigos e relatórios, *Do prolapso do utero* (1854), *Conselhos ao povo contra a cholera-morbus* (1855) e *Exames medico-legaes* (1884).

AUGUSTO FILIPE SIMÕES nasceu em Coimbra em 1835, formou-se na mesma cidade e aí foi professor. Faleceu em 1884, deixando, além de vários relatórios e outras produções literárias, *A civilização, a educação e a phthisica* (1879), *Educação physica* (1874) e *Erros e preconceitos da educação physica* (1872).

JOSÉ PEREIRA MENDES nasceu em Tomar, estudou em Coimbra e doutorou-se em Paris, veio estabelecer-se em Lisboa, onde foi lente da Escola Médico-Cirúrgica, sócio da Academia das Ciências e clínico muito considerado. Faleceu em 1890. Além de muitos discursos e artigos publicados nas revistas médicas, publicou *Du typhus d'Europe et de son traitement par les affusions d'eau froide* (1831), *Sobre o tratamento do cholera morbus* (1848), *Exame phrenologico do justicado Francisco de Matos Lobo* (1842) e *Do valor hygienico das aguas de Lisboa* (1838).

ABEL MARIA DIAS JORDÃO nasceu em Lisboa em 1833, formou-se em Coimbra e depois foi completar a sua instrução em Paris. Estabeleceu-se em Lisboa, onde exerceu com grande nome a clínica e foi lente na Escola Médico-Cirúrgica. Faleceu em 1874. Publicou, além de muitos artigos, discursos e memórias, *Considérations sur un cas de diabete* (1857), *Estudos sobre a diabete* (1865), *Sobre alguns symptomas da diabete* (1866), *As febres intermitentes não paludosas* (1866), *As paralyrias da Ajuda* (1865 e 1866), *Da congestão e hemorragia cerebral* (1861), *Lições de clinica* (1866) e outras obras.

ANTÓNIO MARIA BARBOSA nasceu no Faial em 1825, estudou na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde ensinou Anatomia, Patologia e Operações. Foi grande clínico, cirurgião dos Hospitais e da real câmara e membro de muitas sociedades scientificas nacionais e estrangeiras. Publicou muitos artigos e memórias em várias revistas e *Ensaio sobre o cholera epidemico* (1854), *Memoria sobre as principaes causas de mortalidade do Hospital de S. José* (1858), *Dissertação sobre o tratamento operatorio dos apertos de uretra* (1858), *Breve noticia sobre a febre amarela em 1858* (1858), *Estudos sobre o garrottilho ou croup* (1863), *As paralyrias da Ajuda* (1865 e 1866), *Nota sobre a ovariectomia* e outras obras de valor sobre patologia e clinica médica e cirúrgica.

PEDRO FRANCISCO DA COSTA ALVARENGA nasceu em 1826 em Piauhy (Brasil) e doutorou-se em Bruxelas, vindo para Lisboa, sendo lente de

Matéria Médica e Terapêutica na Escola Médico-Cirúrgica, médico do Hospital e clínico que se especializou nas doenças do coração. Foi um trabalhador infatigável e um dos que mais obras de valor deixaram. Foi a vários congressos, sendo muito conhecido no estrangeiro, onde traduziram muitos dos seus livros. Nos seus trabalhos avultam as primeiras indagações de valor sobre a Anatomia Patológica da febre amarela e os estudos sobre a acção de vários medicamentos, sobre patologia cardíaca, termometria clínica, etc.

Foi membro de muitas sociedades médicas nacionais e estrangeiras. Faleceu em 1883. Além de inúmeros artigos, observações e memórias que publicou no *Correio Médico de Lisboa*, que criou, e noutras revistas, deixou *Mudanças no comprimento dos membros pelvianos na coxalgia* (1850), *Estudo sobre o cholera epidemico* (1856) e outras memórias sobre o mesmo assunto, *Esboço historico sobre a epidemia de febre amarela* (1859), *Anatomia pathologica e symptomatologia da febre amarela* (1860), *Memoria sobre a insuficiencia das valvulas aorticas* (1855 e 1863), *Como actuum as substancias branca e cinzenta da medula espinal* (1862) e outras muitas obras de bastante interesse.

LOURENÇO DE ALMEIDA E AZEVEDO nasceu em Coucieiro em 1833, formou-se em Coimbra, onde foi lente respeitado. Era clínico afamado, foi par do reino, exerceu várias comissões de serviço público e serviu como vogal do Conselho Superior de Instrução Pública e da Junta de Saúde. Faleceu em 1891 e publicou além de várias teses *A cholera-morbus* (1885), *Projecto de formulario dos Hospitaes da Universidade* (1873) e vários artigos, relatórios e pareceres que foram publicados em revistas e periódicos.

AUGUSTO ANTÓNIO ROCHA nasceu em Coimbra em 1849, formou-se na mesma cidade, onde foi lente muito considerado, e fundou o gabinete de Bacteriologia. Foi o redactor da *Coimbra Medica*, colaborou noutras revistas, manifestando-se um polemista temível, e representou a Universidade em muitos congressos médicos nacionais e estrangeiros. Morreu em 1901, e além de muitos artigos de revistas e periódicos deixou muitas teses e os importantes volumes que escreveu sobre a *Questão Medico-Legal Joana Pereira* e *Analyse Medico-Legal no processo Urbino de Freitas*.

JOSÉ ANTÓNIO MARQUES nasceu em Lisboa em 1822, estudou na Escola de Lisboa e foi cirurgião militar, dirigindo a Repartição de Saúde do Exército e tomando parte em muitos congressos estrangeiros. Foi um dos fundadores da Cruz Vermelha Portuguesa e tomou uma parte muito activa nos trabalhos da imprensa médica. Foi um dos primeiros especialistas de doenças das vias urinárias. Faleceu em 1884. Publicou, além de muitos artigos, discursos e memórias, *As doenças e a mortalidade no exercito* (1861), *Estudos estatísticos sobre o mesmo assunto* (1862), *Investigações estatísticas* (1870), *As inoculações syphiliticas e vacino-syphiliticas* (1863), *Molestias venereas e syphiliticas* (1868) e outras obras de hygiene e patologia.

JOSÉ TOMÁS DE SOUSA MARTINS nasceu em Alhandra em 1843, fez o curso de Farmácia e depois o de Medicina em Lisboa e foi lente na Escola desta cidade, de Patologia, Semiologia e História de Medicina, médico dos hospitais, fez parte de várias comissões de serviço público, como a da *Pharmacopea*, do *Formulario* dos Hospitais, do *Regulamento Quarentenario* de 1860, das Conferências Internacionais de 1874 e 1897, dos melhoramentos do lazareto e doutras muitas de hygiene, assistência e instrução. Foi dos mais afamados clínicos de Lisboa e o professor mais admirado e estimado da sua Escola. Muito erudito, temível polemista, era duma eloquência arrebatadora e possuía o dom da elegância e da precisão nos seus escritos. Foi membro de muitas sociedades científicas. Faleceu em 1897. Colaborou em muitas revistas e periódicos e, além de muitas cartas, relatórios, discursos, elogios, prefácios e notícias, publicou *O pneumo-gastrico preside à tonicidade da fibra muscular do coração* (1866), *O pneumogastrico, os antimonias e a pneumonia* (1867), *A pathogenia vista à luz dos actos reflexos* (1868), *Relatorio da comissão encarregada de rever o regulamento das quarentenas, Relatorio dos trabalhos da conferencia internacional reunida em Vienna em 1874* (1874), *Elogio historico do professor Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão* (1878), *A febre amarela importada pela barca «Imogene»* (1880), os livros sobre o processo Joana Pereira em colaboração com Manuel Bento e Curry Cabral, Carta-prefácio aos *Quatro dias na Serra da Estrela*, de Emídio Navarro, etc.

O *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa* está cheio dos seus discursos e memórias, com que tanto contribuiu para a propaganda da hygiene, para a melhoria da assistência, para as reformas do ensino e para o progresso da sua classe.

MANUEL BENTO DE SOUSA nasceu no Pôrto em 1835, estudou na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde foi professor de Anatomia e de Clínica Cirúrgica, gozando no ensino e na clínica dum prestígio que raros atingiram. Foi cirurgião dos hospitais e fez parte de muitas comissões de serviço público. Além de muitos discursos, relatórios, observações e outros escritos sobre agricultura, águas minerais, etc., publicou *Croup e seu tratamento. Tracheotomia* (1860), *Os peritos nas questões medico-legaes* (1865), *Questão de peritos* e outros livros sobre a questão Joana Pereira (1878), *Questão d'imperitos* (1878), *A syphilis* (1878), *Os nervos do gosto* (1870), *Elogio de Antonio Maria Barbosa* (1892) e várias publicações de crítica e polémica como a *Parvonia* (1868), *O Doutor Minerva* (1894), *A ultima doença de D. João II* em *O Principe Perfeito*, de H. da Gama Barros.

JOSÉ MARIA ALVES BRANCO nasceu em Lisboa em 1825, estudou na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, foi cirurgião dos Hospitais, sendo o primeiro a praticar a ovariectomia, subdelegado de saúde, indo à Madeira com-

bater uma epidemia colérica, vereador da Câmara Municipal, o primeiro lente de Anatomia na Escola de Belas Artes de Lisboa e exerceu a clínica civil com muito êxito. Faleceu em 1885. Publicou no *Archivo Universal* muitas *Revistas Medicas*, foi redactor do *Correio Medico*, onde publicou importantes artigos sôbre hospitais, e deixou, além de vários artigos, observações e memórias nos jornais e revistas, uma tese manuscrita sôbre *Hyper-trophia da lingua* (1842).

LUÍS DA CAMARA PESTANA nasceu no Funchal em 1863 e estudou na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde foi professor estimado e muito ilustre e cirurgião dos Hospitais. Foi estudar Bacteriologia no Instituto Pasteur de Paris e voltando a Lisboa foi nomeado director do Instituto Bacteriológico, que tem o seu nome, onde trabalhou muito educando os médicos, que continuaram os seus estudos. Distinguiu-se notavelmente na comissão de que o encarregou o Govêrno em 1898 para ir ao Pôrto estudar a epidemia da peste que ali se declarara, onde contraiu a doença que o vitimou em Lisboa no ano seguinte. Colaborou em muitas revistas médicas nacionais e estrangeiras e publicou *O Microbio do carcinoma* (1889), *O tetano* (1892), *Etiologia da febre tifoide* (1894). *O diagnostico e a seroterapia da difteria* (1897), *Contribuição para o estudo bacteriologico da epidemia de Lisboa*, em colaboração com o Dr. A. Bettencourt (1894), *O tratamento da raiva em Portugal pelo systema Pasteur* (1894), *Duas pequenas epidemias de febre tifoide* (1894), *Relatorios sobre a analyse bacteriologica das aguas potaveis de Lisboa*. Algumas das suas memórias sôbre epidemias de Lisboa, bacilo da lepra e outros assuntos foram publicadas em revistas alemãs.

Dominaaram nesta época a *Escola Francesa* e no último quartel do século XIX a *Escola Alemã*.

DR. SILVA CARVALHO.





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIAS DA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329678973



IMPRESA NACIONAL DE LISBOA

1929

~~Sala
Est.
Tab.
N.º~~
A
13
X
8

